



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Jessica Miriele Machado

**Amor e sexo: um estudo sobre o movimento Eu Escolhi Esperar**

Rio de Janeiro

2016

Jessica Miriele Machado

**Amor e sexo: um estudo sobre o movimento Eu Escolhi Esperar**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cecília Loreto Mariz

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

M149 Machado, Jessica Miriele  
Amor e sexo: um estudo sobre o movimento Eu Escolhi Esperar/ Jessica  
Miriele Machado. – 2016.  
100f.

Orientador: Cecília Loreto Mariz  
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Ciências Sociais

Bibliografia.

1. Sexo – Teses. 2. Religião – Teses 3. Movimentos sociais – Teses. I. Mariz,  
Cecília Loreto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Ciências Sociais. III. Título.

CDU 392.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Jessica Miriele Machado

**Amor e sexo: um sobre do movimento Eu Escolhi Esperar**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 22 setembro de 2016.

Banca Examinadora:

---

Profª Drª Cecília Loreto Mariz (Orientadora)  
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

---

Profª Drª Wânia Amélia Belchior Mesquita  
Centro de Ciências do Homem - UENF

---

Prof. Dr Edilson Sandro Pereira  
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Rio de Janeiro

2016

## DEDICATÓRIA

À memória de Dinorah Machado e Joeli Fátima Machado,  
que mesmo ausentes deste mundo, estarão para sempre vivas em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai Milton Machado, que dentro de todas as suas limitações me apoiou durante toda esta jornada.

Ao meu noivo, pela compreensão e paciência dedicadas a mim. Por ter segurado a minha mão e me ajudado a prosseguir, mesmo quando tudo parecia difícil.

À minha madrastra Neusa, por ser uma das minhas maiores incentivadoras e por torcer pelo meu sucesso.

À toda minha família, sempre amarei vocês.

À professora Cecília Loreto Mariz, por toda a dedicação e ensinamentos durante esses anos.

Aos professores Edilson Pereira e Wânia Mesquita por fazerem parte da minha banca examinadora e terem dedicado tempo lendo meu trabalho e contribuindo com sugestões.

A todos os entrevistados que colaboraram com esta pesquisa

## RESUMO

Machado. Jessica Miriele. **Amor e sexo**: um estudo sobre o movimento Eu Escolhi Esperar. 2016. 100f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2016.

Essa pesquisa tem como foco o movimento cristão Eu Escolhi Esperar. Baseada em dados coletados por meio da observação de eventos realizados por esse movimento e principalmente pela análise de suas publicações, esse estudo investiga a noção de moralidade sexual cristã desse movimento e, também, os seus ensinamentos sobre as razões para que os jovens adotem essa moralidade. Foi observado que esse movimento defende e valoriza a liberdade de escolha dos indivíduos, mas ao mesmo tempo, busca regular e normatizar a vida sexual e afetiva de seus adeptos. O movimento ensina que a aceitação dos códigos morais referente à sexualidade deve ser, portanto, encarada como fruto de uma escolha racional e não como uma imposição religiosa.

Palavras-chave: Sexualidade. Escolha. Modernidade. Sexo. Religião.

## ABSTRACT

Machado. Jessica Miriele. **Love and sex**: a study of the movement I chose to wait. 2016. 100f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2016.

This research focuses on the Christian movement I chose Wait . Based on data collected during events organized by this movement and also on the analysis of the movement's publications, this study investigates the movement's notion of Christian sexual morality and, also, its teachings on the reasons for young people to adopt this morality. It was observed that this movement defends and values the individuals' freedom of choice and at same intends to regulate the sexual and emotional life of its adherents. The movement teaches that the acceptance of moral codes relating to sexuality must be, therefore, seen as the result of a rational choice, not as a religious imposition.

Key-words: Sexuality. Choice. Modernity. Sex. Religion.

## SUMÁRIO

	<b>INDRODUÇÃO</b> .....	8
1	<b>SOBRE O CAMPO DE PESQUISA E METODOLOGIA</b> .....	16
1.1	<b>Descrição etnográfica: os “seminários” do EEE</b> .....	16
1.1.1	<u>Apresentando o campo de pesquisa</u> .....	19
1.1.2	<u>Entrevistas</u> .....	23
1.2	<b>Os livros como fontes de dados</b> .....	24
2	<b>RUPTURAS, CONTINUIDADES E RECONFIGURAÇÕES: SEXUALIDADE, CASAMENTO E AMOR NO OCIDENTE</b> .....	26
2.1	<b>Velhas configurações</b> .....	26
2.2	<b>Um problema a ser resolvido: A sexualidade moderna</b> .....	31
2.2.1	<u>Escolher esperar, uma decisão moderna?</u> .....	37
3	<b>UMA QUESTÃO DE ESCOLHA: PERCEPÇÕES SOBRE O INDÍDUO NA CONTEMPORANEIDADE</b> .....	43
3.1	<b>Indivíduo e Sociedade</b> .....	43
3.2	<b>Escolher esperar: Uma questão individual</b> .....	48
4	<b>SEXO E PERIGO: CONSEQUENCIAS DE PRÁTICAS SEXUAIS ANTES DO CASAMENTO</b> .....	53
4.1	<b>“Deus criou o sexo seguro e o chamou de casamento”</b> .....	53
4.2	<b>Os perigos do sexo</b> .....	58
5	<b>RUMO AO ALTAR: A JORNADA DE QUEM ESPERA</b> .....	65
5.1	<b>Até que a morte nos separe: A busca pelo parceiro ideal</b> .....	68
5.1.1	<u>O tempo certo</u> .....	70
5.1.2	<u>A pessoa ideal</u> .....	74
5.1.3	<u>A forma certa</u> .....	77
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	92
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	94
	<b>ANEXO A - Fontes de pesquisa</b> .....	99
	<b>ANEXO B - Identidade visual da campanha</b> .....	100

## INTRODUÇÃO

A vontade de Deus é que vocês sejam santificados: abstenham-se da imoralidade sexual.

Cada um saiba controlar o seu próprio corpo de maneira santa e honrosa, não dominado pela paixão de desejos desenfreados, como os pagãos que desconhecem a Deus.

(1 Tessalonicenses 4:3-5)

*Eu Escolhi Esperar* (EEE) é uma campanha cristã iniciada em abril 2011 no Brasil, voltada para jovens que querem se manter virgens até o casamento. Esse movimento tem se destacado como uma das maiores campanhas do gênero na atualidade. O objetivo dessa dissertação de mestrado é procurar entender esse movimento a partir de uma pesquisa socio-antropológica do mesmo.

A passagem citada na abertura deste trabalho é uma das fundamentações bíblicas que dão legitimidade à campanha que tem como objetivo encorajar, fortalecer e orientar seu público sobre a necessidade de viver uma vida *sexualmente pura e emocionalmente saudável*, enfatizando a importância de esperar o tempo certo e estabelecido por Deus, tanto na vida sexual e sentimental, quanto em todas as outras áreas da vida.

A partir de tal estudo, a pesquisa pretendeu analisar a noção de sexualidade adotada pelo movimento, bem como a influência de tal noção nas práticas e relações sociais de quem o adere, buscando compreender os mecanismos utilizados pela campanha no agenciamento da sexualidade desses indivíduos em diferentes situações (paquera, namoro, noivado, casamento e vida sexual).

A análise proposta aqui nos ajuda a repensar temas clássicos dentro das Ciências Sociais, como a relação entre indivíduo e sociedade, além de suscitar o debate entre religião e sexualidade. Afirmando que o estudo desses temas a serem investigados apenas fazem sentido a partir das teias de significados e relações sociais que os sustentam em um determinado contexto, Heilborn e Brandão (1999) sugerem que o olhar antropológico nos auxilia a compreender a sexualidade como socialmente construída e não como um dado da natureza, tal como também defende Bozon (2004). Tal ideia reforça a hipótese de Michel Foucault (1999) de que a sexualidade humana não deve ser concebida como um dado da natureza, que o poder tenta reprimir, mas sim, que deve ser encarada como produto do

encadeamento da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e das resistências.

Vários estudos empreendidos sobre o campo da sexualidade vêm demonstrando a importância do universo religioso como instância reguladora da sexualidade brasileira (CITELLI, 2004; CUNHA, 2000; HEILBORN, 2006). Nesse sentido, estudar a campanha *Eu Escolhi Esperar*, se trata de um esforço em compreender como a noção de sexualidade adotada pelo movimento exerce influência nas práticas e relações sociais de seus adeptos e os mecanismos que são utilizados para tanto.

Observou-se por meio desse estudo que ao focar na liberdade de escolha a campanha apresenta um discurso que busca a interiorização de normas reguladoras das condutas sexuais, pois a aceitação das mesmas deve ser fruto da escolha dos indivíduos e não de imposição religiosa.

Segundo Silva; Santos, Licciardi e Paiva (2008), cresce na sociedade contemporânea a predominância de uma ideologia que valoriza a individualização e a secularização e conseqüentemente ressignifica as práticas sociais, desloca as fronteiras das instâncias que compõem a sociedade e também modifica a gestão da religiosidade sobre a sexualidade. Frente a isto, a esfera religiosa teria renovado seu discurso sobre a sexualidade, ainda assim, mantendo-se como dimensão sociocultural relevante no processo de socialização para a normatividade sexual.

Essa dissertação procura também discutir como as transformações ocorridas a partir do século XVIII nas sociedades ocidentais, no que se refere ao tema da sexualidade e ao processo de modernização, acarretaram o surgimento do *Eu Escolhi Esperar*. Esse estudo procura, através da análise dos dados apresentados, defender a hipótese que esse não é apenas um movimento em reação ou contra valores modernos, mas sim uma campanha que seleciona e ressignifica alguns destes valores na elaboração de seu discurso.

## Apresentando o objeto

Lançada em abril 2011 no Brasil, através do *Twitter*, rede social internacionalmente conhecida, e da *internet*, a campanha cristã *Eu Escolhi Esperar* (EEE) rapidamente reuniu milhares de adeptos e atraiu curiosidade. De acordo com o site do grupo e com os livros analisados, atualmente, mais de 3 milhões de seguidores apoiam a causa nas redes sociais, e pelo menos 200 mil jovens já participaram dos seminários realizados pela campanha. Desde 2012 o movimento vem ganhando espaço para além das redes, sendo alvo de uma série de reportagens em programas de TV, jornais e sites.

O movimento é inspirado em campanhas pró- virgindade que surgem nos Estados Unidos no final do século XX e chegam ao Brasil em 1995 através da campanha *Quem ama espera*. No Brasil esses movimentos foram pouco estudados, a partir do levantamento bibliográfico foram encontrados apenas dois trabalhos acadêmicos (SANTOS, 2008; DANTAS, 2010) que fazem referência ao tema, no entanto, sem se aprofundarem.

Para Nelson Pinto Ferreira Junior, diretor da ONG Mobiliza Brasil e principal idealizador do EEE, a campanha não é somente em defesa à castidade sexual antes do casamento, mas também trata da importância de se viver uma vida sexual e emocional de forma *pura e saudável*. O movimento, deste modo, atua em duas áreas específicas, sexualidade e vida sentimental e tem como objetivo atingir a juventude, encorajando-a a buscar relacionamentos saudáveis e duradouros.

O primeiro contato que tive com o EEE foi através da televisão, mais especificamente do programa *Profissão Repórter*, transmitido pela Rede Globo. A reportagem foi ao ar no dia 17 de setembro de 2013 e tinha como tema o início da vida sexual entre adolescentes. A princípio o que me chamou atenção foi o fato de que casais que já se relacionaram sexualmente, e no caso retratado na matéria o casal já morava junto e tinha uma filha, ainda assim podiam escolher esperar. O fato despertou minha atenção, pois ao contrário do que se possa imaginar, esperar não significa necessariamente se manter virgem. Assim antes mesmo da campanha se tornar alvo de minhas investigações, comecei a segui-los nas redes sociais e acompanhar suas publicações.

Para Nelson, o EEE é uma campanha contra a cultura do descartável e das relações sem limites, moral que ele diz reger a sociedade atualmente. Desta forma a mobilização não é apenas uma campanha pró-virgindade, mas também contra a cultura vigente, e que busca resgatar valores cristãos, que na sua opinião, vêm se perdendo.

### *Uma campanha autobiográfica*

Nelson, ao falar do EEE, seja em seus seminários, livros ou entrevistas concedidas aos meios de comunicação, sempre faz questão de ressaltar que a campanha é baseada em sua história de vida, história esta de um jovem cristão que aos onze anos de idade diz ter “decidido esperar”. Por ter feito tal escolha Nelson diz ter passado por muitas dificuldades durante a adolescência, vivenciando diversos problemas entre eles a pressão sofrida através dos amigos para que tivesse relações sexuais.

Segundo o idealizador e também coordenador da campanha, ele não só se manteve virgem até o casamento como também seu primeiro e único relacionamento amoroso foi com sua atual cônjuge. Casou aos 21 anos com Ângela, que além de esposa também é umas das diretoras do movimento. Nelson, tornou-se pastor e trabalha a mais de 20 anos com jovens e adolescentes na cidade de Vila Velha/ ES, onde encontra-se a sede da campanha e o instituto *Eu Escolhi Esperar*.

Um dos principais motivos pelo qual Nelson diz ter criado a mobilização é o de fortalecer outros jovens que assim como ele em algum momento da vida decidiram esperar não só o casamento para manterem relações sexuais, mas também a pessoa certa para se relacionar amorosamente. Casado a 18 anos e pai de duas filhas, Nelson Junior prega que vale a pena esperar pelo que vai durar pela vida inteira.

*Mas o que é escolher esperar?*

Como foi dito anteriormente o EEE não se autodenomina uma campanha focada apenas na virgindade. Desta forma, a escolha de esperar não está ligada somente à abstinência sexual, como muitos pensam, mas sim na espera em Deus.

Esperar em Deus, segundo o idealizador da campanha, significa estar sujeito a vontade e tempo de Deus em todas as áreas da vida, tanto sentimental quanto sexual. Sendo assim, todas as pessoas que decidem se submeter à vontade de Deus podem escolherem esperar, independentemente de serem virgens ou não.

Segundo o texto publicado em uma das redes sociais do movimento, “esperar em Deus” possui “três pilares”. O primeiro é o tempo certo, desta forma o adepto deve compreender que existe um tempo determinado para tudo, e que este tempo é estabelecido por Deus. O segundo é a pessoa ideal, que se baseia na promessa do encontro do relacionamento e pessoa ideal. E o terceiro é a forma certa, todos os relacionamentos amorosos devem seguir os padrões bíblicos e a orientação divina.

*“Eu Escolhi Esperar” em ação.*

Ao longo dos cinco anos de existência o EEE tornou-se uma campanha nacionalmente conhecida, mas foi só nos últimos anos que estendeu suas fronteiras internacionalmente. Em 2014 a campanha ganhou destaque nos meios de comunicação nacionais e estrangeiros após receber publicamente o apoio do então zagueiro da seleção brasileira de futebol que disputou a Copa do Mundo do mesmo ano, Davi Luís, o qual tornou-se seu mais famoso adepto. Atualmente O EEE atua através de vários meios.

- Internet

O EEE possui perfis nas principais redes sociais onde interage diariamente com seus adeptos através de publicações que visam aconselhar, doutrinar e encorajar seus seguidores a viverem uma vida *santa*. No *Twitter*, em 2012, o perfil da campanha tornou-se um dos cinquenta perfis mais influentes do Brasil.

Em seu site oficial são publicados diariamente artigos sobre assuntos diversos, mas que sempre reforçam a necessidade de se esperar em Deus. Também é no site que a agenda dos seminários realizados é divulgada. A cada

novo seminário é criado um “evento” no *Facebook* onde é possível confirmar a participação e convidar outras pessoas.

Além disso possuem um canal no *Youtube* com programas semanais o principal deles é o “Eu Escolhi Esperar Responde”, onde os adeptos podem tirar dúvidas sobre temas como virgindade, namoro, casamento e amor. O canal ainda transmitiu em 2015 uma série online cujo roteiro girava em torno dos dilemas diários vividos por personagem que escolheram esperar.

- Seminários

Os seminários realizados pelo EEE tiveram início em 2011, na cidade de Nova Iguaçu/ RJ. Atualmente os seminários já percorreram todas as capitais do Brasil e países como Inglaterra, Estados Unidos, Haiti e Guiné-Bissau, reunindo segundo dados da mobilização, mais de 200 mil jovens.

Durante 2014 e 2015, o movimento viajou pelo Brasil com a temporada de seminários chamada *Amor & Sexo*, que contaram ao todo com cerca de 70 mil participantes. Em 2016 a campanha deu início a uma nova temporada de seminários chamada de “Com quem será? ”, voltada principalmente para a vida sentimental.

- Cruzeiro “Eu Escolhi Esperar”

O cruzeiro marítimo “Eu Escolhi Esperar” teve sua segunda edição realizada em dezembro de 2014, e contou com programação para solteiros e casados. Paralelamente às atividades oferecidas pelo navio, o EEE ofereceu uma programação exclusiva para o seu grupo, com cultos e ministrações.

- “Eu Escolhi Esperar” Camp

O instituto Eu Escolhi Esperar realizou seu primeiro acampamento nacional destinados a jovens e adolescente em agosto de 2015 no Rio de Janeiro. O site da campanha descreveu o acampamento não só como um simples evento para jovens, mas como um grande momento de celebração da vida e da santidade, numa geração que tem sido cada vez mais influenciada negativamente por aquilo que o “mundo” tem lhes oferecido.

- Loja Online

Através da loja online, os adeptos do EEE podem adquirir uma série de artigos relacionados à campanha, como livros, camisas, CDs, DVDs, gargantilhas, adesivos, chaveiros, pulseiras e o anel, item mais procurado por seus seguidores.

- Livros e Editora “Eu Escolhi Esperar”

O Instituto Eu Escolhi Esperar também possui uma editora pela qual são publicados os livros da campanha, que no total somam quinze e tratam de assuntos diversos relacionados a vida sexual e sentimental. Além disso, em 2015 o movimento lançou o livro “Eu Escolhi Esperar” pela editora Mundo Cristão, o qual foi vendido não só pela internet, mas também em grandes livrarias do país.

### *O “anel de castidade” e a normatização dos comportamentos sexuais.*

Adotados primeiramente por campanhas pró-virgindade, surgidas nos Estados Unidos a partir da década de 80 – como veremos no capítulo 2- , os “anéis de castidade” ou “anéis de pureza” simbolizam a promessa de se manter virgem até o casamento. Também adotados pelo EEE, o anel simboliza a escolha de seus adeptos de esperarem em Deus. Tal escolha, proposta pela campanha, pressupõem a adoção de uma série de regras de comportamento, quanto a vivencia da sexualidade, não só antes de casar, mas também após o casamento.

Desta forma, o anel faz parte, assim como as demais atividades descritas, de um conjunto de estratégias para reforçar entre os membros do EEE um conjunto de valores morais e sexuais adotados por igrejas cristãs que parecem estar na contramão à valores vigentes na modernidade.

### Estrutura dos capítulos

Essa dissertação é composta de cinco capítulos além da presente introdução e uma conclusão. Tendo em vista os objetivos propostos, procuro no primeiro capítulo apresentar o campo de pesquisa e metodologias utilizadas para a coleta de dados. No segundo capítulo esboço um breve resumo de como a sexualidade foi tratada, no Ocidente, da antiguidade até a chegada da modernidade, para podermos compreender a seguir as principais transformações que ocorrem a partir do século XVIII, culminando na produção de novas subjetividades. Reconheço que esse resumo não dá conta da complexidade da relação sexualidade e religião através da história do Ocidente, mas considero importante apresentar esse esboço para

contextualizar a agenda de defesa da abstinência sexual do EEE. No terceiro capítulo busco esclarecer sobre quem é o indivíduo que surge com a modernidade e assim entender a importância da questão da “escolha” no movimento. Pretendo com essa discussão melhor compreendermos sobre quem é o sujeito que *escolhe esperar*. O quarto e quinto capítulos resultam da pesquisa de campo. A partir da coleta de dados, analiso nesses capítulos as duas frentes de atuação do movimento *Eu Escolhi Esperar* (prevenção sexual e integridade emocional), buscando compreender a noção de sexualidade adotada pela campanha e seu impacto nas práticas e relações dos entrevistados. Na conclusão retomo às questões levantadas ao longo dos capítulos para serem melhor analisadas.

## **1- SOBRE O CAMPO DE PESQUISA E METODOLOGIA**

Para alcançar os objetivos propostos e para melhor entender o objeto desta pesquisa, o movimento *Eu Escolhi Esperar*, procurei me concentrar na análise do discurso da campanha sobre sexualidade e de que maneira este discurso era apropriado pelos jovens adeptos que foram entrevistados. Para tanto realizei trabalho de campo em cinco eventos realizados pelo *Eu Escolhi Esperar* nas cidades de Niterói e São Gonçalo entre os anos 2014 e 2016. Realizei entrevistas e análise de três livros publicados pela campanha. A seguir apresento um relato sobre minha experiência em campo.

### **1.1. Descrição etnográfica: os “seminários” do EEE**

Como já foi exposto anteriormente, o EEE promove desde 2011 seminários pelo Brasil inteiro, a convite de igrejas locais. Os eventos são realizados, em sua grande maioria, nos finais de semana e feriados e duram em média oito horas. Qualquer denominação evangélica interessada em sediar o evento pode entrar em contato com a equipe administrativa do instituto e da campanha *Eu Escolhi Esperar* e convidá-los. Os eventos, depois de confirmados, são divulgados pelo site da campanha e pelas redes sociais. As inscrições podem ser efetuadas online e também através da equipe responsável pelo evento na igreja sede, e custam vinte reais. Por ser um evento grande, as igrejas que recebem os seminários contam com uma grande estrutura.

Comecei a pesquisa de campo em 2014, quando participei do segundo seminário realizado pela campanha na cidade de São Gonçalo. O evento foi promovido pela juventude da igreja “Deus Tem Mais”, localizada na Avenida São Miguel no bairro Mutuá, e ocorreu paralelamente ao congresso de jovens realizado pela igreja. O evento teve início às 9 horas da manhã e foi encerrado às 5 horas da tarde. Desde então, acompanhei quatro seminários do EEE realizados em outras igrejas, sendo o maior o ocorrido na igreja “Lagoinha” em Niterói, o qual teve duas edições.

Os seminários, que até janeiro de 2016 estavam em sua primeira temporada, tinham como tema “Amor & Sexo” e eram divididos em três momentos diferentes.

As duas primeiras idas ao campo de pesquisa foram os mais difíceis, pois inicialmente não foi fácil travar relações no campo. Os seminários, que reuniam mais de mil pessoas em cada evento, eram lotados por jovens e adolescente que na sua maioria não possuíam relações diretas uns com os outros. Tratava-se de um campo estranho para mim. Como me aproximaria dessas pessoas? A solução para esse obstáculo surgiu com o tempo.

Nos primeiros seminários que participei sempre optava por sentar nos assentos mais próximos da porta a fim de ter uma visão mais completa do templo como um todo, e de certo, tive. Da entrada dos templos podia observar cada detalhe, tudo que se passava a minha volta. Para escrever sobre um determinado grupo ou para responder as questões que nos remeteram a este determinado campo não basta que o pesquisador apenas observe com um olhar distanciado. Demorei para perceber isto. É necessário que o pesquisador participe concretamente da dinâmica do grupo que se propõem a estudar e essa é uma das principais condições para que se possa compreender, visando uma totalidade, como vivem esses indivíduos. Malinowski (1978) defende para a antropologia a observação participante, que segundo ele só é possível através da convivência diária, da capacidade de entender o que está sendo dito e de participar das conversas e acontecimentos da vida da aldeia.

No entendimento de Malinowski (1978), não é suficiente que o pesquisador construa seus textos baseados apenas na sua própria observação e em relatos recolhidos de alguns informantes a partir de visitas esporádicas. Tal postura levaria o pesquisador a relatos incompletos e superficiais e se diferenciaria da pesquisa etnográfica. Esse pensamento me fez repensar minha postura em campo.

Quando percebi que minha postura de apenas observar o que se passava durante os seminários e sentar no mesmo lugar sem travar relações como os indivíduos que o frequentavam não me levaria a lugar algum, comecei a repensar sobre minha postura em campo. A partir de então comecei a sentar em lugares alternados, e a procurar me socializar com aqueles indivíduos da maneira que eu encontrava, hora pedindo para acompanhar a leitura bíblica com quem estava do meu lado, hora pedindo informações. Aos poucos as pessoas começavam a ficar

curiosas com a minha presença ali, me perguntavam de que igreja eu era, se eu já era evangélica ou se eu iria me batizar. Quando questionada sobre isso minha tentativa era de elucidar da forma mais clara possível que eu estava ali fazendo pesquisa. Foi quando tentei travar uma distância com aquela realidade à qual eles participavam que mais estreitas começaram a ser minhas relações em campo, pois agora não era mais vista apenas como alguém que estava ali observando-os e que depois iria escrever um texto, mas como alguém que deveria ser alvo de evangelização. Quando comecei a ter esse contato mais próximo com meus informantes tornou-se mais fácil também abordar assuntos tão delicados quanto aos que se referem a sexualidade.

Durante a pesquisa deparei-me com diversos obstáculos, entre eles o fato de os seminários, onde realizaria pesquisa de campo, ser um evento com duração de apenas um dia. Desde o início da pesquisa sabia da dificuldade que teria de me aproximar, e até mesmo entrevistar, jovens e adolescente participantes do movimento em um período de tempo tão curto. Para superar este obstáculo procurei criar mecanismos que me aproximassem dos informantes para além dos seminários, daí então surgiu a ideia de estabelecer relações com eles também via redes sociais. Desta forma, durante os seminários estabelecia um primeiro contato através de conversas informais, o qual, na grande maioria, era aprofundado através de conversas pela *internet* que resultavam inclusive em convites para que eu visitasse a igreja de origem de alguns.

Pensar sobre as relações que travei com os informantes através do trabalho de campo, leva-me também a pensar no papel que desempenhei enquanto pesquisadora. Ao contrário das ciências naturais, o objeto de estudo da antropologia é da mesma natureza que o pesquisador, “o objeto antropológico é da mesma natureza que o sujeito” (LAPLATINE, 1988, p.91). Ver a partir do olhar do outro e se afastar de ideias pré-concebidas talvez seja um dos maiores desafios para o pesquisador.

Grossi (1992:7) defende que pensar a relação entre o antropólogo e seus informantes em campo é central na construção de etnografias, conceitos e teorias na antropologia. A autora defende que as diferenças de interpretações de autores sobre um determinado grupo divergem não apenas em relação à opção por diferentes escolas de pensamento social, mas que essa diferença de interpretação é inerente à

própria relação subjetiva que vai marcar cada trabalho de campo. Tais relações com o campo e com os informantes nos aproximam ou nos distanciam da tarefa de captar o ponto de vista nativo.

Os relacionamentos que estabeleci a partir do trabalho de campo foram marcados por uma linha tênue que separava “eu” e “eles” (informantes). Durante alguns anos da minha adolescência compartilhei algumas crenças em comum com o movimento estudado, e precisei constantemente me distanciar de valores aprendidos através da minha própria experiência religiosa para assim conseguir compreender o objeto de análise.

### 1.1.1. Apresentação do campo de pesquisa

O primeiro momento dos seminários era marcado por participações musicais da banda que compõem a equipe que trabalha na realização dos eventos, as músicas tocadas eram animadas e permitiam a interação com o público presente. A introdução musical, com música gospel de diferentes estilos, deixavam as pessoas mais relaxadas e até mesmo receptivas.

Nelson Junior era a figura principal, pois era ele quem ministrava todas as palestras durante o seminário, sua fala e seu modo de vestir quebram com certos tradicionalismos, por sua informalidade e linguagem descontraída. No momento de sua pregação, assim como nos vídeos publicados no canal da campanha ou nos livros que escreve, Nelson utiliza um vocabulário juvenil, que facilita a comunicação entre ele e o jovens, além de contar experiências de sua própria juventude e de como ele mesmo esperou até o momento que conheceu sua esposa.

Segundo Nelson, a cada dez jovens cristãos, pelo menos sete já não são mais virgens e em seu discurso propõem o tempo inteiro que a virgindade não seja tratada como um tabu, mas sim que deve ser discutida com naturalidade, pois o sexo, em sua concepção, é algo divino e criado por Deus. Nesse contexto podemos perceber que, ao contrário da moral religiosa que predominou o pensamento cristão até o século XVIII, o sexo é tratado no discurso da campanha como uma benção divina, o qual torna-se símbolo da aliança entre duas pessoas. O sexo é encarado

como um ato de amor, e no discurso da campanha só quem ama de verdade é capaz de esperar para praticá-lo depois do casamento.

Após um intervalo de cerca de uma hora e meia, os participantes do seminário encaminhavam-se para o momento mais esperado do dia, o qual era acompanhado de muitas risadas e descontração. Se a primeira palestra concentrava-se na exposição dos fundamentos da escolha de esperar e nos obstáculos que os jovens cristãos enfrentam ao tomarem essa decisão, a segunda concentra-se na exposição do que a Bíblia diz a respeito de alguns assuntos em torno da sexualidade. Nesse momento, os participantes do seminário podiam formular perguntas, e as que apareciam em maior número eram respondidas pelo idealizador da campanha. Se por um lado, pela informalidade e linguagem descontraída a campanha quebra com tradicionalismos, por outro busca resgatar códigos de conduta tradicionais. Desta forma, mesmo com uma linguagem inovadora, a mensagem veiculada nas palestras tem como objetivo normatizar e regular a vida sexual dos adeptos do movimento

A partir dos seminários que participei é possível traçar um roteiro das perguntas que apareciam com maior frequência durante os eventos, são elas: 1) Por que o sexo antes do casamento é pecado? 2) Por que homossexualidade é pecado? 3) Por que masturbação é pecado? 4) Sexo oral é pecado? 5) Sexo anal é pecado? 6) Existe idade certa para namorar? 7) Preliminares pode? 8) Beijar antes do casamento é pecado?. Tais questionamentos eram respondidos sempre citando um versículo bíblico. Após esse momento era feito um novo intervalo e na volta o seminário era encerrado.

Se o segundo momento descrito era acompanhado de risos e aplausos, o terceiro era caracterizado pela comoção de grande parte dos participantes presentes. Os jovens eram convidados a esperarem a pessoa certa e a permitirem que Deus tomasse conta de suas escolhas e de suas vidas. Aqueles que aceitavam eram chamados até a frente do púlpito onde todos os presentes realizavam uma oração coletiva. Enquanto isso os fiéis em seus lugares e de olhos fechados oravam individualmente, alguns se ajoelhavam sozinhos ou em dupla, outros ficavam de pé, outros ainda permaneciam sentados e de cabeça baixa. Normalmente esse momento era tomado de tensão, as pessoas choravam umas pelas outras, e clamavam para que seus pedidos fossem atendidos, muitos também falavam em

línguas. Logo após, o evento era encerrado. Todos os seminários que participei tiveram as inscrições esgotadas na semana do evento, exceto o seminário ocorrido na igreja “Lagoinha” em Niterói, onde a taxa de inscrição não foi cobrada e os lugares foram reservados conforme a ordem de chegada. A igreja teve seus 4 mil lugares todos ocupados, e aqueles que os conseguiram chegaram com cerca de uma hora de antecedência. A fila ocupava toda a calçada da rua onde situa-se a igreja. Realizado em uma manhã de sábado do mês de janeiro, o evento atraía a atenção de moradores que acompanhavam a espera dos jovens, de seus apartamentos.

Ainda na fila pude observar que ali, assim como também nos outros seminários, os jovens chegavam em grupos. Muitos deles representavam os grupos de jovens de diversas outras igrejas da cidade e eram acompanhados sempre por um líder, na maioria dos casos alguém mais velho.

Em linhas gerais, o público que participou dos quatro eventos que estive presente era composto, em grande parte, por adolescentes e jovens do sexo masculino e feminino na faixa etária dos 13 aos 27 anos. Apesar de dados disponibilizados pelos organizadores da campanha em entrevistas concedidas à revistas apontarem para uma participação maior de jovens a partir dos 17 anos, em minhas observações pude perceber a presença de um grande número de adolescentes. Os dados fornecidos pelos organizadores também apontam para uma maior adesão entre o público feminino, já que 65% dos participantes dos seminários são mulheres, o que pude confirmar durante o trabalho de campo.

Por meio de conversas com os presentes e observação, pude notar que os seminários além de fornecerem ensinamentos bíblicos em relação à vida sentimental e sexual, são para grande parte dos jovens um grande evento social, o qual possibilita a interação com diferentes pessoas. Portanto, os jovens ressignificam os próprios seminários atribuindo a eles outro papel. Os seminários tornam-se um ambiente propício para novas amizades e futuros relacionamentos amorosos. Isto se confirma na maneira de se vestir, tanto dos homens, quanto das mulheres que apostam em grandes produções. Meninas de cabelos arrumados e maquiadas desfilam pelos seminários, assim como os meninos, que não ficam para trás no que se trata da preocupação com a aparência. Há ainda aqueles que preferem deixar estampado no peito suas escolhas e exibem suas camisetas do movimento com a

frase “Eu escolhi esperar” e o *logo* da campanha. Se, no que se refere a sexualidade, o movimento tenta resgatar valores tradicionais ligados principalmente ao sexo depois do casamento, nos modos de se vestir os adeptos da campanha passam longe do tradicional, fato que me chamou a atenção. Meninos com corte de cabelo da moda, grande parte das meninas bem maquiadas e sem dispensar acessórios, quebram com uma possível imagem conservadora que se possa criar em relação a estética dos participantes.

No entanto, apesar de apresentarem visuais modernos, não estão livres de regulações religiosas sobre seus corpos. Em um dos seminários que participei, justamente no que o público visivelmente mais apresentava trajes “descolados”, Nelson Junior – que ministra suas palestras de calça *jeans* e tênis *All Star* – dedicou alguns minutos de seu discurso a moralizar os usos de algumas vestimentas entre cristãos. Em uma de suas falas disse que “homem deve se vestir como homem”, criticando os jovens do sexo masculino adeptos de calças mais justas e acessórios que até pouco tempo estavam mais associados à figura feminina, já em relação às mulheres criticou o uso de decotes e roupas curtas. É importante ressaltar que o movimento abrange o interesse de jovens e adolescentes de diferentes denominações religiosas, desde as mais conservadoras, em que é proibido o uso de calça entre as mulheres, àquelas que permitem tatuagens.

Apesar da grande maioria dos jovens presentes nos seminários que participei possuírem algum vínculo religioso com alguma denominação evangélica, foi possível perceber também a presença de católicos e de pessoas sem filiação religiosa. As últimas normalmente eram acompanhadas por alguém que possuía algum tipo vínculo.

Como já mencionei em páginas anteriores, o presente estudo teve como objetivo principal compreender de que forma é tratada e como é entendida a noção de sexualidade pela mobilização e como esta afeta o comportamento dos indivíduos em diferentes situações. Para tanto, a partir do trabalho de campo, me concentrei na análise do conteúdo das palestras ministradas nos diferentes momentos dos seminários e realizei entrevistas semiestruturadas com jovens e adolescentes do sexo masculino e feminino a fim de coletar dados para a pesquisa.

### 1.1.2. Entrevistas

Quando iniciei meu trabalho de campo fui movida por outras questões que despertavam a minha curiosidade e assim como também algumas teorias, durante a vivência de campo e análise do material da campanha fui direcionada a situações que fizeram com que eu repensasse a forma pela qual conduziria minha pesquisa bem como as questões que iriam nortear meu trabalho. Nesse sentido, a pesquisa encaminhou-se para ter como foco o estudo do material e proposta do movimento *Eu Escolhi Esperar*, dessa forma, não se procurou estudar os jovens em si, portanto entrevistas realizadas serão utilizadas no decorrer dos próximos capítulos como auxílio para pensar os alcances e limites do conteúdo do material.

Foram realizadas cinco entrevistas entre jovens e adolescente participantes da campanha *Eu Escolhi Esperar* durante esta pesquisa. A faixa etária do grupo de entrevistados é de 16 a 22 anos de idade. Todos estão inseridos no que podemos classificar como classe média e frequentam igrejas de denominações protestante desde a infância.

Ezequiel tem 16 anos e é morador de um bairro da zona sul da cidade de Niterói, está no 2º ano do ensino médio. Seus pais são protestantes e Ezequiel frequenta a igreja presbiteriana desde que nasceu. Conheceu a campanha através de sua irmã, em 2012.

Manuela, de 17 anos, está concluindo o ensino médio, moradora de Niterói, cresceu em uma família cristã pentecostal, sendo da igreja assembleia de Deus. Conhece a campanha desde 2013

Maria tem 18 anos, aos 10 anos passou a frequentar a igreja assembleia de Deus após a conversão de sua mãe. Filha de pais separados, começou a namorar aos 14 anos com um parceiro dois anos mais velho e de denominação diferente com quem teve relações sexuais aos 16 anos, atualmente são noivos. Conheceu a campanha através da *internet* e de amigos.

Luiza, 19 anos, cursa o 3º período da faculdade de psicologia, frequenta a igreja presbiteriana desde que nasceu, é líder de um grupo de jovens e adolescentes de sua igreja, também conheceu a campanha através da *internet*.

Hugo, 22 anos está concluindo o curso de engenharia civil. Nasceu em família evangélica, durante a adolescência ficou três anos fora da igreja, é membro da igreja batista lagoinha acerca de dois anos.

Cabe ressaltar que este estudo não é sobre os entrevistados em si, como já foi destacado, mas sobre o movimento *Eu Escolhi Esperar*. As entrevistas utilizadas fazem parte da tentativa de ilustrar casos específicos, desta forma, não podemos generaliza-los.

## 1.2. Os livros como fonte de dados

O *Eu Escolhi Esperar* possui cerca de quinze livros publicados, as publicações buscam atingir diferentes públicos, sejam mulheres, homens, solteiros ou casados.

Além do trabalho de campo e coleta de dados através de entrevistas, neste estudo usei como fonte, três dos quinze livros publicados pelo movimento, que em conjunto com as outras técnicas de pesquisa empregadas, possibilitaram-me uma análise mais completa da campanha.

Em ordem cronológica, o primeiro livro analisado<sup>1</sup> “ Como escolher a pessoa certa? ”, publicado em 2014, é destinado para quem deseja casar. Nele Nelson Pinto Ferreira Junior<sup>1</sup>, autor do livro e também idealizador do movimento, ensina, baseado segundo ele em princípios bíblicos, a como escolher a pessoa certa para se relacionar amorosamente. A análise deste livro serviu como uma das principais bases para a discussão que se estende ao longo do capítulo cinco desta dissertação.

Em 2015, foi lançado o livro “Eu Escolhi Esperar” também de autoria de Nelson Pinto Ferreira Junior, este é o livro de maior sucesso da campanha. Também é o único livro que não foi publicado pela editora Eu Escolhi Esperar, mas sim por outra editora cristã de maior visibilidade. Ao contrário dos outros livros analisados

---

<sup>1</sup> As fichas catalográficas dos três livros analisados, não seguem um padrão de referência ao nome no autor Nelson Pinto Ferreira Junior. Por isso, quando houver citações me referirei a ele apenas como Nelson Junior.

aqui, que são comercializados apenas na loja virtual da campanha ou durante os seminários e outros eventos, este foi vendido em uma grande rede de livrarias e ficou exposto na sessão de autoajuda. Neste livro o autor reflete sobre o que é escolher esperar, por que esperar, e a importância de saber esperar e fala sobre o início da campanha.

O último livro analisado “Amor e Sexo: uma conversa bíblica e sem rodeios sobre vida sentimental, namoro e sexualidade. ”, também publicado em 2015 foi escrito por Nelson Junior e sua esposa Ângela Cristina Santos Neto. Neste livro, que é indicado para maiores de 14 anos, os autores respondem à várias perguntas sobre vida sentimental, namoro, noivado, casamento e sexo. De forma geral este livro aborda uma série de questões que foram tratadas durante os seminários “Amor & sexo” que participei durante o trabalho de campo.

Este capítulo teve como objetivo apresentar e familiarizar o leitor ao campo de pesquisa e metodologias utilizadas. Apenas a própria pesquisa é o que pode responder a algumas questões que foram levantadas aqui, vamos a campo cheio de questões, algumas delas se dissolvem no ar, outras permanecem. E somente a nossa relação com nossos dados, informantes e com o campo em geral é que nos mostrará os caminhos que devemos seguir na difícil tarefa de olhar com os olhos do outro.

Antes, contudo, de passar à discussão dos dados, é necessário contextualizar o problema em tela. Por isso no próximo capítulo discuto como evoluiu a relação entre corpo e sexualidade no Ocidente.

## **2- RUPTURAS, CONTINUIDADES E RECONFIGURAÇÕES: SEXUALIDADE, CASAMENTO E AMOR NO OCIDENTE.**

No Ocidente, ao longo da história, a religião cristã regulou e normatizou atos, relacionamentos, e significados sexuais. Porém a compreensão e os limites da sexualidade humana não foram sempre os mesmos, como veremos ao longo deste capítulo.

Para Mauss (2003), o indivíduo aprende desde cedo a lidar com o seu corpo de acordo com a cultura em que o mesmo está inserido, dessa forma, os hábitos se tornam produtos do aprendizado e da vivência. Esse pensamento de Mauss é o consensual nas ciências sociais. Seguindo a mesma argumentação Bozon (2004) argumenta sobre o papel central da construção social na elaboração da sexualidade humana, pois o homem não saberia mais se comportar sexualmente por instintos, necessitando assim, de um aprendizado social para saber de que maneira, quando e com que agir sexualmente. Sendo assim os jovens que aderem ao EEE passam por um processo de adequação as normas e padrões culturais deste grupo no que diz respeito a como lidar com seu corpo e vivenciar a sua sexualidade. No entanto esses jovens se encontram em uma sociedade que defende normas distintas daquelas que aprendem no EEE. Para entender essa tensão entre as normas do EEE e da sociedade mais ampla, discutiremos a seguir de que forma a sexualidade, o casamento e o amor foram tratados ao longo dos séculos e em torno de que seus significados foram construídos.

### **2.1. Velhas configurações**

*Virgindade como valor moral e o casamento como sacramento.*

Segundo Santos (2008), o tema da sexualidade sempre ocupou um lugar importante dentro das igrejas cristãs. A noção da virgindade como um valor moral pode ser detectada em diversos outros grupos religiosos, mas é no cristianismo que a questão ganha centralidade.

É possível encontrar desde os primeiros séculos da era cristã a preocupação em torno da sexualidade sendo discutida tanto nas pregações, tratados teológicos, orientações doutrinárias ou nos códigos morais (DANTAS,2010). Pode-se perceber desta forma uma estreita relação entre cristianismo e sexualidade no mundo ocidental. Para Dantas (2010), a Igreja buscou assegurar o controle da sexualidade humana com objetivo de consolidar e expandir seu poder político. O primeiro passo para tal façanha foi recomendar a seus fiéis que renunciassem de forma definitiva aos seus desejos e atividades sexuais. Desta forma, a virgindade é promovida pelo clero católico como expressão máxima da santidade.

Ao falar da virgindade como um ideal cristão, Vainfas (1986) diz que foi com base nas ideias de Paulo<sup>2</sup> que surgiu ao longo dos séculos III e IV, uma vasta literatura concentrada ao tema. Assim, a palavra virgindade tornou-se recorrente e um tema obsessivo nesses primeiros séculos, tornando-se o eixo da moral acerca do desejo e também a expressão corporal de uma alma triunfante sobre a morte e sobre o tempo. A renúncia ao sexo, segundo os padres, era a libertação do mundo decadente e espiritualização absoluta do corpo. É importante mencionar que tais advertências eram voltadas à virgindade feminina e que tal literatura atacava o matrimônio com o propósito de convencer as mulheres a evita-lo e permaneceram castas. Se a virgindade correspondia à verdade e a à liberdade, o casamento equivalia à mentira e à escravidão, e impediria a renúncia aos prazeres e vícios pelo apego à carne.

Ainda no contexto citado anteriormente, o casamento não representava um sacramento ou um mandamento divino, mas sim um remédio para o desejo sempre maligno. Desta forma, paradoxalmente os teólogos defendiam a virgindade e hostilizavam o casamento, mas o resguardavam como freio para aqueles que não eram capazes de dedicar-se à abstinência. (DANTAS,2010; VAINFAS, 1986)

Segundo Dantas (2010), até o século IX o casamento constituía-se uma instituição laica e privada, a qual não sofria interferência da igreja em seu modelo e celebração. A partir do século IX a igreja começa a interferir timidamente nos casamentos da época, no entanto, sem participar das cerimônias, fazendo não mais do que fiscalizar a ocorrência ou não de raptos e o cumprimento das regras de

---

<sup>2</sup> Personagem bíblico, o qual teria sido responsável pela autoria de diversos textos que compõem o Novo Testamento da Bíblia Cristã.

consanguinidade na celebração das uniões. É no século XII que a igreja, de fato, começa a interferir nas relações matrimoniais, introduzindo preceitos como o da monogamia e indissolubilidade conjugal e induzindo os cristãos a seguirem seu modelo matrimonial. O local do rito de matrimônio é transferido da casa dos noivos para a igreja, constituindo-se assim uma das principais mudanças ocorridas, pois o casamento passa a ser uma instituição pública e religiosa. Para Vainfas (1986) a sacramentalização do casamento não foi uma tarefa fácil, pois o grande problema continuava a ser o ato carnal, “como sacramenta-lo através do casamento sendo ele um pecado” (VAINFAS, 1986, pp.30). Tal problemática só foi resolvida ao se conceber o enlace dos corpos, como símbolo da união corporal entre marido e mulher, assim como a virgindade era o símbolo da união espiritual entre a igreja e Cristo. As relações carnavais tornavam o casamento indissolúvel, desta forma, segundo Vainfas (1986) o casamento exclui a castidade e exige o “pecado” da carne, agora transfigurado em mistério cristológico.

O matrimônio além de torna-se monopólio da igreja católica, através da sacramentalização também consolida seu poder político. Como dizem Dantas (2010) e Vainfas (1986):

“O casamento, até então laico e profano, ao ser sacramentado, ficou submetido à tutela do corpo sacerdotal, que adquiriu legitimidade em função da prática da castidade. A continência eclesiástica ampliava a supremacia do clero, afirmando sua competência para moralizar a intimidade dos cônjuges. Apenas sacerdotes castos eram autorizados a penetrar na vida íntima do casal e regular o comportamento conjugal.” (DANTAS,2010, p.704)

“Ao clero, homens do mundo espiritual, deveria caber a castidade e o poder. Aos leigos, homens do mundo profano, caberia o matrimônio e a obediência. [...] O triunfo do celibato no século XIII foi, assim, um capítulo essencial na construção do poder da Igreja no Ocidente medieval.” (VAINFAS, 1986, p. 34-35).

Apesar de encontrar resistência frente ao modelo de casamento laico aristocrata, o modelo cristão, baseado nos preceitos da monogamia e indissolubilidade, gradativamente prevalece. Uma vez o casamento sacramentado, agora o desejo e atos sexuais entre marido e mulher passam ser alvo de tentativas de normatização.

Vainfas (1986) afirma que a partir daí o leito conjugal deve ser vigiado e ordenado pela igreja através de um sistema, construído por teólogos, baseado em

três eixos fundamentais: 1) Obrigatoriedade da relação carnal no casamento, sendo fonte de sentido deste; 2) Condenação de práticas carnavais entre cônjuges consideradas “excesso” ou prática antinatural; 3) Tendo em vista a função procriadora da atividade sexual, classificação dos atos permitidos ou não. Desta forma, o ato sexual tornou-se obrigatório dentro do casamento, porém seu excesso (contato demasiadamente erótico) deveria ser condenado. A relação sexual passa a ser entendida como um ritual sagrado e, portanto, cabia à igreja seu domínio e ao sacerdote discipliná-la e regulamentá-la. Assim "em nome da procriação, toleraram o desejo, vigiaram o prazer. Salvou-se a cópula: sacramentada, ritualizada e racionalizada para a propagação da espécie"(VAINFAS, 1986, p. 43). Em concordância com tal visão, Santos (2008) afirma que por muitos séculos a teologia cristã considerou o sexo como algo ruim e sujo, sendo sua prática restrita ao casamento, cuja função principal seria a procriação.

Segundo Dantas (2010), o matrimônio constituído nos moldes cristão – indissolúvel e monogâmico - torna-se valorizado pela igreja e fonte de legitimidade e purificação para o sexo, o qual é considerado pecado por natureza grave quando ocorre fora do casamento, porém entre cônjuges ele é estimulado pois consolidaria os vínculos conjugais.

Ao longo dos séculos os comportamentos sexuais foram normatizados dentro da esfera religiosa. Em torno do sexo foram construídos aparelhos discursivos, não só pela igreja, mas também pela medicina, pedagogia, psicologia, justiça penal e psicanálise, como veremos melhor no próximo capítulo

Desta forma, é possível perceber como as instituições religiosas, desde seus primórdios, estiveram preocupadas em monitorar o comportamento de seus adeptos, principalmente no modo como estes vivenciam sua sexualidade. O mecanismo utilizado para tanto foi o da repressão dos desejos e impulsos sexuais.

No que se refere ao discurso adotado pelo *Eu Escolhi Esperar*, objeto deste estudo, o casamento torna-se o espaço legitimado do desejo e da atividade sexual. O sexo é encarado como uma dádiva divina, recompensa fornecida àqueles que esperam.

### *Do amor cortês ao ideal de amor romântico*

Sobre amor e do casamento durante a idade média, Araújo (2002) comenta:

“O casamento não consagrava um relacionamento amoroso. Era um negócio de família, um contrato que dois indivíduos faziam não para o prazer, mas a conselho de suas famílias e para o bem delas. O principal papel do casamento era servir de base a alianças cuja importância se sobrepunha ao amor e à sexualidade. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões, e a sexualidade para a reprodução era parte da aliança firmada.” (ARAÚJO, 2002,p.70 )

Vainfas (1986) diz que foi nos tratados de moral que surgiram concepções mais secularizadas sobre o amor, mas sempre retratando ou imaginando “sentimentos profanos” entre duas pessoas, e os colocando da esfera do ilícito, do não conjugal e por isso adúltero. No casamento o amor foi transformado em devoção e caridade, mas frutificou nas relações ilícitas e foi vivido por homens e mulheres de toda a parte. Esses amores vividos fora do casamento foram retratados durante o século XI e XIV pela literatura cavaleiresca e na poesia dos trovadores, duas das principais manifestações literárias do Ocidente. Para Vainfas (1987) ambos os gêneros são representações do “amor cortês” da baixa Idade Média, no que se refere a importância atribuída à mulher, mas diferem na concepção de amor expressa e na origem social dos escritores. Segundo o autor é na poesia trovadoresca, escrita em sua maioria por poetas de condições humildes, que teríamos, a mais genuína manifestação do “amor cortês”, o qual é responsável, na sua opinião, pela “invenção do casal amoroso”.

Sobre a origem do amor romântico, o historiador britânico Macfarlane (1990) diz haver muitas controvérsias, no entanto uma das localizações mais antigas para o seu surgimento é nos séculos XI e XII, na Europa meridional. Ao citar Mach Bloch (MACFARLANE, 1990, p.336), o autor diz que este acreditava que o amor romântico começou com a tradição do “amor cortês” do sul da França. O “amor cortês”, cantado pelos trovadores através de suas histórias, retratava o amante sempre pobre e socialmente inferior à dama cortejada, mas sempre disposto a qualquer sacrifício para provar o seu amor. O amante não buscava o encontro carnal com sua amada, apenas confessava o seu amor, e a dama, sempre casada, participava de um adultério simbólico e a ela cabia a iniciativa de desafiar o amante a provar o seu amor. Segundo Araújo:

“Esta paixão absorvente, constantemente frustrada, presa fácil do ciúme e alimentada por suas próprias dificuldades foi, no entanto, uma concepção notavelmente original, uma ideia de relacionamento amoroso em que reconhecemos muitos elementos que hoje nos são familiares.” (ARAÚJO, 2002. p.75 )

Para Bozon (2004), o amor cortês, expressando tendências emergentes da sensibilidade, definiu e codificou as condições e etapas de uma verdadeira relação amorosa e de um amor depurado.

O amor e o casamento, representado da maneira como conhecemos hoje, é fruto de um processo que se iniciou durante o século XVIII e acabou transformando o amor não apenas em um sentimento esperado entre cônjuges, mas na própria razão de uma escolha realizada pelos interessados (BOZON, 2004).

É em meio a um turbilhão de transformações que ocorrem no Ocidente e com a chegada dos tempos modernos, que se instaura uma nova ordem, renovando o modo de vida pessoal, social e familiar. Segundo Ariès (1987), é na modernidade que o amor individual começa a ser valorizado e idealizado. Se estabelece o casamento por amor, amor-paixão, e o predomínio do erotismo nas relações conjugais, esposo e esposa devem agora se amar e terem expectativas em relação ao amor e a felicidade dentro do matrimônio. Podemos perceber assim que é na era moderna que o casamento por amor se estabelece como regra.

## **2.2. Um problema a ser resolvido: a sexualidade moderna**

Até aqui vimos que durante séculos a sexualidade no Ocidente foi fortemente influenciada pelas ideias da igreja cristã, e as noções de sexo, casamento e amor foram alvo de diversas transformações ao longo da história do pensamento cristão.

Para Machado (1995), existe um consenso entre historiadores de que, até meados do século XX, a tradição cristã foi marcada por uma percepção negativa da sexualidade humana. Tal percepção para a autora, está alicerçada na separação do corpo e da alma na teologia cristã, e pode ser sistematizada em três pontos: “1) a condenação do desejo e do prazeres sexuais 2) a vinculação do exercício da sexualidade com a procriação e finalmente 3) a inferioridade imputada as mulheres

em relação aos homens e expressa na ênfase do seu papel procriativo.” (MACHADO, 1995, p.10). Sendo assim, durante muito tempo as representações da sexualidade foram influenciadas por este pensamento, no qual a reprodução, ocupava um papel central.

Conforme Dantas (2010), os discursos sobre a sexualidade foram se multiplicando dentro das igrejas e nos conventos desde o início do cristianismo. Instrumentos que exigiam a confissão do sexo e o transformava em práticas discursivas, foram desenvolvidos pela hierarquia eclesiástica fazendo com que fosse preciso falar constantemente sobre as experiências e desejos sexuais. Mas foi durante os séculos XVIII, XIX e XX, que os discursos sexuais se multiplicaram.

Em relação às práticas sexuais o protestantismo, segundo Weber (2004), manteve a mesma preocupação e desconfiança que vigoram na igreja católica durante séculos, no entanto desenvolveu mecanismos de controle da conduta sexual mais eficazes, que penetraram as relações íntimas e possibilitaram a internalização dos códigos morais, afetando assim o comportamento afetivo dos fiéis. Nesse sentido, a igreja protestante teve como preocupação a vida privada de seus membros, assumindo a responsabilidade de moralizar e regulamentar a sexualidade de cada um deles. Pode-se pensar o EEE como um movimento que dá continuidade a esse processo de internalização

Segundo Foucault (1999), é na família burguesa que a questão sexual aparece para além das paredes do quarto do casal e passa a haver uma constante preocupação com a vida sexual dos filhos. Em vez de manter a sexualidade restrita à esfera privada, a família decidiu expô-la. Criou-se um pânico em torno da propensão da criança ao ato da masturbação, posteriormente considerada simultaneamente uma inclinação natural e uma doença, e por não saber lidar com este tipo de manifestação sexual, a família solicitou a ajuda de profissionais. De acordo com Bauman (1998), “em torno da luta interminável contra a ameaça da masturbação, foi construído um sistema completo de fiscalização e vigilância dos pais, médica e pedagógica.” (BAUMAN,1998, p.181). Sendo assim, ao especialista é transferida a responsabilidade de tratar da sexualidade do casal, da criança e do homossexual.

A partir do século XVIII a sexualidade, que até o século XVI era analisada e explorada exclusivamente pela pastoral cristã, passou a ser observada por

diferentes campos do saber científico, fugindo assim do domínio da instituição eclesiástica e passando a ser controlada pela pedagogia, medicina, psicologia e economia. As técnicas utilizadas pelas ciências, conforme aponta Foucault (1999), foram as mesmas utilizadas pela tradição cristã já mencionadas antes. Como nos mostra Dantas (2010):

“A prática da confissão, inventada pelo cristianismo medieval para apreender os pormenores da vida sexual, difundiu-se e tornou-se instrumento científico, utilizado na consulta médica, na sessão psicanalítica, na atuação pedagógica e nos julgamentos jurídicos. ” (DANTAS,2010. p.715)

Sobre os métodos de confissão, agora utilizado pelos saberes científico, Foucault (1999) diz:

(...) confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se – ou se é forçado a confessar. Quando a confissão não é espontânea ou imposta por algum imperativo interior, é extorquida; desencavam-se na alma ou arrancam-na ao corpo (FOUCAULT, 1999, p. 59).

Para Bozon (2004), em meados do século XIX é possível perceber a utilização de uma linguagem relativa à sexualidade cada vez mais específica, sem referência à metafísica, e cada vez mais independente do aspecto reprodutivo. Segundo o autor, isto traduz uma “vontade de saber” (Foucault, 1999) manifestada através do surgimento de técnicas disciplinares de poder sobre o corpo, que são disciplinas de si mesmo, e não mais apenas disciplinas impostas de fora. Os saberes científicos, representados pela pedagogia, psiquiatria, psicologia, medicina, higiene e pela primeira “ciência da sexualidade”, a sexologia, teriam em comum o desejo de regular as condutas cotidianas e os comportamentos individuais a partir de enunciados que definem o normal e o anormal.

Segundo Dantas (2010), a ciência teria sido apropriada para analisar os desvios e as perversões sexuais. Se no pensamento cristão a preocupação estava voltada para a relação conjugal, a ciência volta sua atenção para a sexualidade da criança, das mulheres e dos homossexuais. Para Bozon (2004), o que houve foi uma

mudança de foco, o esforço de normalização dos comportamentos sexuais, primeiro efetuado pela moral religiosa, abandona o casal e agora operado através da ciência, escolhe novos alvos, primeiro as crianças e depois as mulheres. Para o autor, a primeira ciência da sexualidade, longe de anunciar uma liberação dos costumes, instaura uma tentativa de medicalização geral dos comportamentos. Desta forma, a primeira preocupação da sexologia foi afastar qualquer coisa que pudesse ameaçar a sexualidade normal, tanto as doenças venéreas, quanto as perversões.

Conforme Bozon (2004), fronteiras diferentes do normal e do anormal foram estabelecidas para homens e para mulheres pela sexologia. Dantas (2010) diz que o século XIX foi palco de diversas campanhas lideradas por médicos, clérigos e pedagogos que infundiam o medo e repúdio ao sexo. Os sacerdotes, agora aliados aos médicos, atormentavam a sociedade burguesa, ao anunciarem publicamente que o vício em masturbação poderia ameaçar a humanidade, pois causaria doenças físicas e mentais. É também no século XIX que surge o termo “homossexualismo”, sendo este alvo de diversas investigações médicas que consideravam a prática homossexual como uma grave patologia psíquica. Outro fator, que influenciou na concepção do sexo como algo perigoso, foi o surto de sífilis na sociedade burguesa nas últimas décadas do século XIX, o que intensificou o temor em relação as práticas sexuais. Segundo o discurso médico da época, a melhor forma de evita-la era através da abstinência sexual. Dantas (2010) acredita que o surto de sífilis acabou tornando-se o melhor aliado dos médicos e dos religiosos no projeto de moralização sexual.

É possível perceber até aqui, que o discurso médico que predominou durante o século XIX, assim como o discurso religioso cristão, tinha como intenção moralizar a conduta sexual através de conselhos moralistas e puritanos. O comportamento sexual que fosse considerado anormal, era tratado como patologia sexual e no seu tratamento eram utilizados preceitos religiosos para moraliza-los.

Apesar da proliferação de discursos em torno da sexualidade a religião manteve sua influência de outrora, interferindo nas relações amorosas e na vida do casal burguês. Mesmo tentando ajustar seus ideais às novas exigências sociais e às transformações que ocorriam na sociedade, a igreja cristã continuou disposta a controlar a sexualidade, inclusive dentro do matrimônio. Conforme Gay (2000,) a religião era considerada pela sociedade burguesa do século XIX como o lugar

seguro para abrigar a sexualidade, pois era capaz de inibir suas manifestações indesejáveis.

De acordo com Bozon (2004), a teoria freudiana da sexualidade, proposta no início do século XX, ainda que armada das mesmas ferramentas classificatórias – aquelas baseadas na oposição entre normal e anormal – da sexologia do século XIX, dá um passo adiante em direção à compreensão moderna da sexualidade humana ao incorporar os comportamentos antes definidos como perversões sexuais à normalidade, na medida em que não é mais o instinto da reprodução, mas a busca do prazer que passa a ser considerada a predisposição original. Assim a sexualidade normal, definida por Freud como a escolha de um objeto heterossexual e uma prática de penetração genital, seria apenas o resultado secundário do processo de desenvolvimento psíquico individual e de uma contenção social das pulsões originais.

O século XX foi o palco de uma grande “revolução cultural” (HOBBSAWN, 1995) que interferiu nas representações e práticas da sexualidade humana, como veremos. O início do século foi marcado pelo desenvolvimento da psicanálise, a qual privilegiou a sexualidade, colocando-a como o centro da existência humana. Segundo Dantas (2010), em suas primeiras décadas a teoria psicanalítica foi alvo de muitas críticas, pois a sexualidade ainda não tinha notoriedade, sendo suas concepções ainda resultado da influência religiosa e da medicina do século XIX. Meio século mais tarde o sexo tornou-se o propulsor de inúmeras lutas políticas e campanhas.

Hobsbawn (1995) aponta para a rapidez com que mudaram os arranjos básicos já a muito tempo estabelecidos nas sociedades ocidentais. Segundo o autor, a vasta maioria da humanidade, mesmo com algumas variações, partilhava algumas características comuns, como a existência do casamento formal com relações sexuais privilegiadas entre cônjuges, a superioridade do marido em relação a esposa e dos pais em relação aos filhos, e as famílias consistindo em várias pessoas. Tais arranjos começam a desmoronar a partir da segunda metade do século XX, e a sexualidade exerce um papel importante neste contexto de transformações. Entre os resultados destas mudanças o autor cita o aumento no número de divórcios, de pessoas vivendo sós, de famílias com um só dos pais – normalmente mães solteiras -, e de filhos ilegítimos. Conforme Hobsbawn, o período

entre as décadas de 1960 e 1970 foi uma era de extraordinária liberalização, tanto para heterossexuais – sobretudo as mulheres - quanto para os homossexuais.

Uma das principais transformações que contribuíram para a “revolução cultural”, especialmente a chamada “revolução sexual”, do século XX foi o aparecimento, a partir da década de 1960, de formas medicalizadas de contracepção e sob o controle das mulheres. Segundo Bozon (2004), a difusão de métodos contraceptivos médicos (pílula, DIU, esterilização feminina) que atuam sobre a fisiologia feminina provocou uma reviravolta na maneira de encarar a fecundidade, culminando na dissociação entre sexualidade e procriação. A fecundidade passa a ser encarada como um projeto pessoal e fruto de escolhas. De acordo com o autor, na percepção contemporânea da sexualidade, as relações destinadas à procriação passaram a ser pensadas como uma realidade distinta das relações não destinadas à procriação, pois quer os indivíduos formem ou não um casal, qualquer atividade sexual já não é mais concebida sem proteção contraceptiva.

Para Machado (1995), a descoberta da pílula anticoncepcional inaugurou uma revolução nos comportamentos, abrindo espaço para o surgimento de novos movimentos feministas com reivindicações de liberação sexual e o desenvolvimento de novas tecnologias reprodutivas, as quais constituíram-se em uma etapa suplementar da dissociação entre sexualidade e procriação.

Como vimos desde o início deste trabalho, durante séculos a sexualidade esteve associada à reprodução pela moral cristã. Conforme Machado (1995), foi na década de 1930, através das igrejas protestante que surgem as primeiras iniciativas para a revisão desta tradição com a defesa de métodos contraceptivos para casos em que a procriação consistisse em sérios riscos à vida materna. Desta forma,

“Ainda que atrelada as razões de saúde tal posição abriria uma brecha na ênfase cristã em que a reprodução humana seria o fim ultimo de toda e qualquer atividade sexual, reconhecendo-se pela primeira vez que o exercido da sexualidade dentro do casamento se justificava por si mesmo.”  
(MACHADO, 1995, p.12)

Assim, as dificuldades econômicas oriundas da Segunda Guerra Mundial, a rapidez no processo de urbanização e constante crescimento populacional em países pobres foram fatores que contribuíram para que a igreja protestante deslocasse a responsabilidade e as definições de contracepções para o indivíduo e

para a ciência. Se por um lado a igreja protestante inclinou-se à tendências liberalizantes em relação à contracepção, por outro a igreja católica se manteve firme em sua postura de condenar a regulação da procriação por meios artificiais. É apenas na década de 1950 que as autoridades católicas, através do Papa Pio XII, legitimam o planejamento familiar, o qual deve estar condicionado a adoção do método natural conhecido como Ogino-Knaus, baseado na abstinência durante o período fértil do ciclo.

Segundo Bozon (2004), a sexologia contemporânea, que surge em meados do século XX, tem como preocupação central a questão do prazer e do orgasmo. Desta forma, a centralização exclusiva sobre o prazer, caminhou ao lado de uma ausência total de referência à reprodução e a gravidez. A busca pelo prazer feminino recebeu atenção especial nas investigações dos principais sexólogos, e ainda drogas poderosas foram desenvolvidas para assegurar a ereção masculina e potencializar o sexo. Percebe-se assim, na sociedade moderna, um processo de valorização da sexualidade e busca pela satisfação sexual.

Ainda nas décadas de 1960 e 1970 surge o movimento *gay*, com reivindicações políticas que clamavam pelo fim das discriminações. Em 1974, a associação Psiquiátrica Americana decide não mais considerar a homossexualidade como doença mental, e durante a década de 1980, nos países desenvolvidos, cresce a aceitação social dos homossexuais.

Foi também nos anos 1980, que ocorreu a emergência da epidemia de AIDS, a qual contribui para gerar reações de resistência à liberalização da sexualidade. De fato, a sexualidade tornou-se mais livre durante o século XX, no entanto as normas sociais reguladoras da sexualidade não foram extintas, como aponta Guillebaud (1999) a sociedade contemporânea não é sinônimo apenas de liberação sexual, pois as conquistas eróticas e as liberdades individuais que foram alcançadas durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 passam a conviver com a revitalização de tabus sexuais e a renovação de interditos morais.

### 2.2.1 Escolher Esperar, uma decisão moderna?

Salientando que a modernidade é marcada por um processo de individualização e secularização, Santos (2008) caracteriza este momento pela

perda e deterioração do monopólio de instituições detentoras de um poder capaz de controlar a vida dos indivíduos. Desta forma, a esfera religiosa perde sua hegemonia como detentora de uma visão global do mundo, o que permite que os indivíduos desenvolvam uma maior percepção de si e de sua responsabilidade na construção da vida cotidiana.

Percebe-se assim que cada vez mais os indivíduos interpretam seus comportamentos sexuais em função de situações e contextos relacionais do que segundo princípios absolutos. (BOZON,2004)

O processo de modernização das sociedades ocidentais ocorreu através de um conjunto de transformações sociais, destacando entre essas, o avanço das ciências positivas, o uso da razão secular e principalmente a quebra do monopólio religioso. No entanto, em contramão ao que previa a 'teoria da secularização', que baseada principalmente nos trabalhos de Max Weber, apontava para um processo em que o fim do monopólio religioso e o declínio das instituições sobre os indivíduos redimensionaria o peso da religião dos espaços públicos e privados, ganham fôlego nos Estados Unidos, durante a década de 1980, acompanhando discursos conservadores, campanhas pró-abstinência sexuais.

Para Berger (2000), a ideia de que a modernização leva necessariamente a um declínio da religião na sociedade e na mentalidade das pessoas mostrou-se errada. Apesar de ter tido alguns efeitos secularizantes, em alguns lugares mais do que outros, a modernização também provocou o surgimento de poderosos movimentos de contra-secularização. E ainda, de acordo com o autor, a secularização ao nível das instituições sociais não está necessariamente vinculada à secularização ao nível das consciências individuais, pois apesar de algumas instituições religiosas terem perdido poder e influência no espaço público das sociedades modernas, algumas crenças e práticas religiosas, sejam novas ou velhas, permanecem na vida das pessoas, assumindo novas formas institucionais e as vezes levando a grandes explosões de fervor.

Por outro lado, em decorrência ao crescimento dos casos de gravidez na adolescência e aos riscos de contaminação pelo HIV, surge nos Estados Unidos um esforço para retomar o controle moral sobre a geração mais jovem. Conforme Bozon (2004), nesse contexto o comportamento sexual dos jovens tornou-se alvo de uma redobrada política moralizadora, por parte de grupos religiosos conservadores.

Assim, a sexualidade volta a ser encarada como um risco, pois o sexo é apresentado como um perigo que causa doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, e a principal forma de se prevenir é através da abstinência sexual até o casamento. Segundo Dantas (2010), a continência tornou-se caso de saúde pública e política de governo ditada por preceitos religiosos.

Durante o governo Bush<sup>3</sup> houve um investimento maciço em campanhas pró- virgindade - entre elas a *True Love Waits* (Amor Verdadeiro Espera), *Pure Love Alliance* (Aliança do Amor Puro) e *Silver Ring Thing* (Anel de Prata), entre outros movimentos -, como forma de combater a AIDS e a gravidez precoce. Como observa Showalter (1993):

As epidemias de doenças venéreas são a forma apocalíptica de anarquia sexual, e a sífilis e a AIDS ocuparam posições semelhantes nos finais dos séculos XIX e XX como doenças que parecem resultar de transgressões sexuais e que geraram pânico moral. Ambas as doenças deram margem a campanhas de castidade sexual e social e caracterizaram o recuo na liberalização das atitudes sexuais. (SHOWALTER, 1993, p. 245)

Criada em 1993, pela ONG LifeWay Christian Resources e sob responsabilidade das igrejas batistas do sul dos Estados Unidos, True Love Waits (TLW) foi a campanha pró-abstinência sexual de maior destaque pelo mundo inteiro. Sua tese principal é a de que quem ama espera até o casamento para ter a sua primeira relação sexual. Segundo Santos (2010), esperar até o casamento seria uma forma de evitar a gravidez de adolescentes, gravidez indesejada, abortos, doenças sexualmente transmissíveis e, principalmente, geraria a valorização do próprio corpo, que deveria se relacionar apenas com aquele que viria a ser seu cônjuge.

Nesse contexto, é possível perceber que as mudanças ocorridas em torno da sexualidade na modernidade ao invés de eliminarem as influências da religião, produziram novos movimentos que buscam resgatar valores tradicionais.

Diante do que foi exposto até aqui, estudar o *Eu Escolhi Esperar* (EEE) se faz necessário como parte de um esforço em compreender de que forma a sexualidade dos jovens adeptos ao movimento é agenciada pelo discurso da campanha, e como estes jovens reagem diante da doutrina pregada, dado que não são apenas atores passivos, pois estão constantemente negociando e redefinindo limites.

---

<sup>3</sup> George W. Bush, presidente dos Estados Unidos de 2001-2009.

Nesse sentido, o EEE surge como um movimento contra-secularização (BERGER, 2000), se opondo à prática de relações sexuais antes do matrimônio, ao desgaste das relações, e ao aumento do número de divórcios entre cristãos.

Em publicação de 1993, Lopez e Maia já apontavam para a tendência de uma diminuição da idade média da primeira relação sexual entre os brasileiros, que era até então 16,9 anos para mulheres e 15 anos para homens. Já em 2008, o estudo “Mosaico Brasil” realizado pelo Programa de estudos em sexualidade (Prosex) ligado a USP, mostrou que a iniciação sexual acontecia, principalmente, na faixa etária dos 13 aos 17 anos, com maior concentração nos 15 anos. Frequentemente o início da vida sexual precoce, é associado ao aumento dos riscos de gravidez na adolescência e aquisição de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV.

No que se refere ao divórcio, segundo fontes do IBGE baseadas do censo de 2010, houve um aumento significativo, dado que o número dobrou num período de dez anos. A proporção de brasileiros divorciados do censo de 2000 era de 1,7%, e de 3,1% em 2010.

Como disse nas primeiras páginas deste trabalho, o EEE afirma ser um movimento contra a “cultura do descartável”, lógica que regeria a atual sociedade brasileira. Tal discurso vai ao encontro com as formulações de Bauman (2007), ao problematizar o declínio da condição humana pós-moderna. Para o autor na “era da liquidez” o ser humano se despersonaliza, adquirindo estatuto de coisa a ser consumida, para depois ser descartada.

Assim, “a vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo. (BAUMAN, 2007, p.10)

Se por um lado EEE se opõem a certo valores modernos, abraça outros como, por exemplo e principalmente, o da escolha. A possibilidade de escolha fora, ou contra os grupos, expressas nos ideais românticos do século XIX, na literatura e na música foram fundamentais para a emergência da ideia de indivíduo na sociedade moderna.

O movimento, que é pautado na moral cristã, propõe que os jovens o sigam através de suas próprias escolhas, que devem ser pautadas em sua racionalidade

como qualquer outra escolha na vida, e não simplesmente pelo fato da igreja dizer que isto é o certo. Os assuntos abordados de forma principal são os da vida sentimental, ou seja, os relacionamentos vividos pelos jovens e a vida sexual. Tais temas são trabalhados de maneira aberta, clara e com uma linguagem direta, pois nas palavras do próprio idealizador o "mundo" não faz rodeio para tratar desses assuntos, desta forma não haveriam motivo para que a igreja fizesse. As escolhas são assuntos recorrentes nos seminários e são colocadas em todos os campos da vida, não só a sexual e sentimental, mas como na profissional e financeira, essas devem ser feitas de maneira racional, pensando no que é melhor para o indivíduo dentro daquilo que ele acredita ser o certo.

Segundo Santos (2008), ao perder sua hegemonia de visão global do mundo a religião recua para a vida privada e passa a ser uma questão de escolha individual, e dentro de uma pluralidade de opções predominará aquela que melhor satisfazer as ansiedades individuais. Como aponta Duarte (2006), os indivíduos se encontram diante da escolha de diferentes discursos religiosos e cada discurso religioso codifica as atitudes morais consideradas corretas para seu rebanho cabendo aos fiéis comparar as codificações disponíveis e se aproximar da congregação que dialoga com sua própria disposição moral. Desta forma:

O 'sujeito religioso' é o protagonista de sua religiosidade, é o ator histórico da sua religião de escolha e emprega em seu cotidiano um sistema de crenças que foram propagadas pelas autoridades religiosas, porém não o faz sem modificações, recriando-o para sua experiência. (SILVA; SANTOS; LICCIARD & PAIVA, 2008, p. 684)

Muitos autores têm escrito sobre os laços fluídos que ligam os fiéis às instituições religiosas. Ao falar do trânsito religioso no cenário pentecostal brasileiro – campo religioso de grande adesão ao EEE -, Rosana Gognalato (2007) afirma que em sua autonomia os fiéis pentecostais definem sua própria religiosidade. Para ela, as experiências de aflição estão intimamente ligadas à mobilidade das pessoas por entre as alternativas pentecostais, o que torna observável a necessidade de experimentação por parte destes fiéis. Conforme a autora, o pentecostalismo seria um fenômeno que se afinaria muito bem com a religiosidade moderna, pois tal movimento desafia os modelos oficiais de religião, apresentando um fiel que redimensiona a sua relação com a fé. Assim, o pentecostalismo por oferecer uma

variedade de denominações possibilita uma intensa circulação por suas alternativas o que caracterizaria grupos e indivíduos com adesão religiosa frouxa, fluída e com frágil filiação institucional. No entendimento da autora, ao definirem por sua própria conta a sua religiosidade, devido a uma significativa autonomia religiosa, apontariam para um processo que torna a religião subjetiva.

Cerqueira-Santos (2008), diz que mesmo no mundo contemporâneo, onde as relações entre o homem e o sagrado têm se “privatizado”, em um contexto que as fronteiras são cada vez menos delimitadas, a religião continua sendo uma instância de influência na vida dos indivíduos.

### **3- UMA QUESTÃO DE ESCOLHA: PERCEPÇÕES SOBRE O SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE.**

A partir de uma análise histórica é possível detectar um longo processo de mudanças ocorridas na relação entre indivíduo e religião nos últimos séculos e que se intensificaram na modernidade. Segundo Portella (2006), a modernidade se caracterizou pela colocação do indivíduo como medida e como fim.

Como já apontamos nas páginas anteriores, tais mudanças não eliminaram a influência da religião, tão pouco, extinguiram as normas sociais reguladoras da sexualidade humana, ao contrário, propiciaram o surgimento de novas formas de agenciamento. Para Hervieu-Léger (1993), na modernidade, a religião não termina com a secularização, “mas ganha novas formas e contornos, novos sabores, numa dinâmica em que, ao mesmo tempo em que se esgota, se dilui, renasce, ressurgue e se difunde” (PORTELLA ,2006,p.73)

Neste capítulo, busco, de forma resumida, rever a literatura sobre como surge e se desenvolve a figura do indivíduo a partir das mudanças ocorridas durante o processo de transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna e também refletir sobre os limites e possibilidades de autonomia e escolha na sociedade contemporânea.

#### **3.1. Indivíduo e Sociedade**

Marcel Mauss (2008) em seu texto “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. ”, com o auxílio da história, nos mostra como lentamente surgiu e cresceu ao longo dos séculos a ideia de “pessoa”. Para o autor, tal ideia, apesar de já enraizada em nossas consciências, não deve ser entendida como natural, mas sim construída ao longo da história. Nas palavras do autor, sua intenção ao discorrer sobre tal categoria é “(..) oferecer, bruscamente, um catálogo das formas que a noção adquiriu em diversos pontos, e mostrar de que maneira ela acabou de ganhar corpo, matéria, forma, arestas, e isto até nossos tempos, quando ela finalmente tornou-se clara, nítida (...) (MAUSS, 2008, p. 370)

Com uma pergunta em mente, Mauss (2008) recorre a pesquisas realizadas em diferentes comunidades ao longo dos séculos, para entender como os homens de diversas épocas criaram noções a seu respeito e também mostrar o quanto é recente a palavra e as noções derivadas do “eu”. Para falar sobre o personagem e o lugar da pessoa, o autor disserta sobre três exemplos em regiões diferentes. O primeiro se trata de os Pueblos de Zuñi, estes possuíam um número determinado de pronomes por clã e o papel exato que cada um desempenharia na configuração do clã seria definido por este nome. O clã seria concebido como constituído por um certo número de personagens, onde cada personagem teria como função realmente figurar a totalidade do clã. O autor vê nos Pueblos uma noção de pessoa, do indivíduo confundido com o seu clã, mas já destacado dele no cerimonial, pela máscara, por seu título, seu papel, sua propriedade, sua sobrevivência e seu reaparecimento na terra num de seus descendentes dotados das mesmas posições, pronomes, títulos, direitos e funções. O segundo exemplo citado são os índios do noroeste americano. De forma resumida, estes a partir das classes e dos clãs ordenariam as “pessoas humanas”, e a partir destas ordenariam os gestos dos atores num drama. Assim como também entre alguns povos da Austrália, de modo algum o clã é representado como um ser inteiramente impessoal, coletivo, o totem é representado pela espécie animal e não por indivíduos.

Ao demonstrar estes três exemplos o autor teve como objetivo ilustrar como um imenso número de sociedades chegou à noção de personagem, de papel cumprido pelo indivíduo em dramas sagrados e na vida familiar. Para Mauss (2008), mesmo com algumas ressalvas e particularidades, o que todos os exemplos citados têm em comum é o fato de a noção de pessoa estar estritamente ligada ao grupo de pertencimento, não estando atrelada ainda a ideia do “eu” como uma entidade única, individualizada.

Ao falar da “fabricação do eu”, o autor dá um passo à frente ao analisar a noção de *persona* e de que maneira ela se tornou efetivamente a nossa, discorrendo sobre a Índia e China antiga, até chegar a sociedade romana, na qual a noção da pessoa humana como entidade completa se forma. Para Mauss (2008), em Roma é onde se estabelece parcialmente a noção de pessoa, pois passa a ser entendida para além de um elemento de organização, mais do que um nome ou o direito a um personagem e a uma máscara ritual, mas como um fato fundamental do direito. O

autor em seu texto ainda aborda sobre a noção de pessoa orientada pela moral, a pessoa na narrativa cristã – onde se fundamenta como entidade metafísica -, até chegar a pessoa-indivíduo – enquanto ser psicológico -.

Percebemos assim, que a construção do “eu” moderno, individual, único e autônomo é fruto de uma longa construção histórica e social, a qual contou com o impulso proporcionado pelo cristianismo ao estabelecer “(...) a questão da unidade da pessoa, da unidade da igreja, em relação à Deus (...)” (MAUSS, 2008, p. 392). Conclui-se assim que a noção de pessoa está ligada à incorporação das normas e dos valores morais.

Desta forma, a questão da autonomia se apresenta como um conceito central para distinguir a ideia de um “eu” que se confunde com o social e cujo comportamento é pautado pelas regras sociais ou papel que desempenha, do “eu” da sociedade moderna que se percebe como capaz de ir contra o social. O primeiro tipo de “eu” citado se submeteria a uma persona socialmente construída, ao passo que o segundo se julgaria autônomo. No entanto, algumas formulações, como a distinção entre pessoa e indivíduo proposta por Louis Dumont (1997) e reelaborada por Velho (1981), nos ajudam a compreender que em termos sociológicos essa autonomia tem seus limites e é antes de tudo um valor.

A discussão sobre individualismo moderno tem uma longa trajetória na história das ciências sociais e essa discussão foi sistematizada e bem elaborada, como já citado acima, por Gilberto Velho (1981) que, em seu livro Individualismo e Cultura, aborda questões referentes a emergência da noção de indivíduo e de seu pleno desenvolvimento nas sociedades complexas modernas. É importante mencionar que o autor entende como sociedades complexas com sendo aquelas em que a divisão do trabalho e a distribuição das riquezas delineia diferentes categorias sociais. Uma sociedade complexa, nesta visão, também pressupõe a existência de uma enorme “heterogeneidade cultural, que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições, cuja as bases podem ser ocupacionais, étnicas ou religiosas etc”. (VELHO, 1981, p.16)

O autor busca nos trabalhos de Louis Dumont referências para falar da emergência da noção de indivíduo tal como conhecemos hoje. Durante toda a Idade Média ocidental a noção de indivíduo esteve subordinada a categorias sociais mais amplas e a religião era o elemento ordenador e totalizador de uma visão de mundo

hierarquizada, no entanto, é no século XII que a situação começa a mudar a partir de conflitos entre religião e política. Tais conflitos, não se restringiram apenas às instituições, mas também entre diferentes visões de mundo em relação ao indivíduo e a sociedade. Assim, a noção de indivíduo teria ganhado força nos ideais românticos do século XIX, na literatura e na música, e a ideia de amor estaria totalmente associada a de indivíduo, onde a escolha “fora dos” e “contra os” grupos é fundamental.

Desta forma, em contraposição à sociedade tradicional, que era por essência holista e baseada em princípios de hierarquia, a sociedade moderna se torna a sociedade dos indivíduos e o individualismo a própria expressão do moderno. Desta forma, o ser humano e sua racionalidade e individualidade, substitui o centro de sentido anterior, o qual era constituído pelo cosmo sagrado, gerido por instituições religiosas que forneciam as bases para a coesão social e cultural. (DUMONT, 1997; PORTELLA, 2006)

Max Weber (1987), por sua vez, em A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, buscou entender o processo de racionalização das sociedades ocidentais que teriam dado origem ao capitalismo moderno, fazendo-o destacar a importância da ética protestante como uma das fontes de racionalização da vida que contribuiu para formar o espírito moderno. Conforme o autor, o protestantismo teria produzido uma atitude profundamente individualista ao instaurar uma disciplina inspirada em valores religiosos que valorizava a força interior, a ação individual e a autodisciplina. Nesse sentido, a partir destes autores é possível perceber um deslocamento. Se na sociedade tradicional a religião era responsável por fornecer o sentido ordenador da realidade e social, na sociedade moderna, tal atribuição é deslocada para a própria independência de escolha racional centrada no indivíduo autônomo. (PORTELLA, 2006)

Em seu estudo acerca das representações e valores sobre sexualidade e relação sexual pré-nupcial entre jovens adultos solteiros, ligados a igrejas evangélicas e participantes de uma comunidade de um site de relacionamento virtual, Santos (2008) resume bem a questão discutida acima:

(..) A sociedade moderna constrói esse paradoxo: coloca o sujeito no mundo obrigando-o a tomar partido, a fazer escolha. Dessas escolhas vai depender a construção de sua identidade. Diferentemente do que ocorria

nas sociedades tradicionais, onde a interação do sujeito com a sociedade se dava de forma menos complexa - já que as opções oferecidas tinham como referências os valores éticos-morais estabelecidos pela família e pela igreja - nas sociedades contemporâneas o indivíduo precisa escolher entre múltiplos domínios aquilo com que melhor se identifica na construção do seu próprio ethos. (SANTOS, 2008, p.31)

Gilberto Velho (1981) aponta para o processo de fragmentação e totalização que percorre as sociedades complexas ocidentais, ao mesmo tempo que há o espaço para a experiência individual fragmentada há também situações homogeneizadoras, como exemplo disso o autor cita o próprio processo de nomeação, no qual se inclui primeiro o indivíduo em uma categoria individual e depois em uma totalizadora, a família. De acordo com o autor, em toda cultura há contextos individualizadores, aqueles que enfatizam o indivíduo biológico como unidade significativa, variando sua importância. No entanto é nas sociedades complexas ocidentais que aparecem com mais peso e dominância as instâncias de individualização.

Quando pensamos sobre indivíduo, creio que seja importante também falar de fronteiras culturais. No contexto contemporâneo em que vivemos, os indivíduos participam diferencialmente de códigos mais restritos ou mais universalizantes, estas diferenças não estão apenas associadas ao pertencimento a uma determinada classe social. Para Gilberto Velho (1981) a própria noção de classe social é muito vaga e pode esconder diferenças consideráveis, como o tipo de trajetória social ou a natureza das relações sociais em que se movem os indivíduos, pois para o autor, o contato com outros grupos e círculos pode afetar rigorosamente a visão de mundo e o estilo de vida de indivíduos situados em uma mesma classe socioeconômica particular.

Por isso a importância de relativizar concepção moderna de um “eu” pensada a partir da autonomia e do individualismo, pois como aponta Gilberto Velho (1981) o “processo de individualização não se dá fora de normas ou padrões por mais que a liberdade individual possa ser valorizada” (VELHO, 1981, p.25).

### 3.2. Escolher esperar: Uma questão individual

Conforme já mencionado, o *Eu Escolhi Esperar* repousa sobre a premissa da escolha individual, pois para o movimento cabe ao fiel analisar racionalmente as alternativas disponíveis e a partir de tal avaliação tomar a decisão de qual o melhor caminho a seguir.

Bianca Toledo, seguidora da campanha e autora do prefácio do livro “Eu Escolhi Esperar” diz que “escolhi esperar significa escolhi pensar, isto é, escolhi avaliar minhas decisões e a maneira como estou construindo meu futuro.” (NELSON JUNIOR, 2015, p. 11). Ao escolher e tomar decisões o fiel deve analisar os riscos e consequências de suas ações, e assim pautar suas escolhas naquilo que melhor lhe fornecer segurança. Para Bianca Toledo, algumas pessoas só decidem pensar no que estão fazendo de suas vidas, em relação a vida sexual, quando deixam de ser jovens e as consequências das escolhas impulsivas feitas na juventude não desaparecem com a chegada da vida adulta, ou quando uma gravidez indesejada ou doença sexualmente transmissível surgem como uma bomba-relógio. Já para Nelson Junior, idealizador da campanha, cada escolha que o indivíduo faz em sua vida trará consequências e implicações, sejam elas boas ou ruins, por isso o movimento trabalharia a importâncias das escolhas e como elas afetam a vida, pois “hoje você faz suas escolhas; amanhã são essas escolhas que fazem você” (NELSON JUNIOR, 2015, p.42) Ainda, segundo ele, escolher esperar precisa ser uma decisão pessoal, pois seria impossível convencer alguém a mudar de comportamento se essa pessoa não estiver disposta a mudar seus conceitos sobre sexualidade.

A decisão precisa vir de dentro. Você tem de querer, precisa impor os valores do evangelho à sua carne e à sua vontade. Ninguém pode tomar essa decisão por você. Eu gostaria, mas não posso. Seus pais gostariam muito, mas também não podem. Deus não pode escolher isso por você. A escolha é sua! ( NELSON JUNIOR,2015, p.123)

Percebe-se assim que escolher esperar deve ser uma decisão voluntária e individual, fruto de uma avaliação racional, pois para a campanha, “algumas escolhas são muito pessoais, e outros não poderão escolher por nós. Nossas

escolhas têm o poder de nos aproximar de Deus, como também de nos afastar dele. (NELSON JUNIOR, 2015, p. 52)

Em vários momentos, tanto em trechos dos livros quanto nas palestras realizadas nos seminários, o discurso da campanha direciona críticas a sociedade contemporânea e a cultura moderna. De acordo com este discurso, existiria na contemporaneidade uma crescente vulgarização do sexo e da vida amorosa, viveríamos assim, em uma cultura imediatista onde a maioria das pessoas seriam regidas por preferências e não por princípios e também dominadas pela busca do prazer imediato.

Segundo o movimento, na sociedade do século XXI, a espera é interpretada como um sinal de impotência ou de incompetência. Nesse sentido o *Eu Escolhi Esperar* traria em si uma proposta revolucionária pois surge na era pós-moderna, a qual, segundo a campanha, valorizaria a busca pelo prazer desenfreado. Tal busca teria deixado uma multidão de pessoas feridas, desorientadas e insatisfeitas com a vida amorosa.

O Eu Escolhi esperar não é um sucesso, mas sim uma espécie de resposta para uma geração que deseja algo novo e diferente. É uma campanha que caminha contra a cultura vigente e apresenta outra via, resgatando valores e princípios eternos que a geração de nossos pais desprezou, mas que os jovens de hoje estão descobrindo. (NELSON JUNIOR, 2015, p.16)

A hipótese levantada por esta pesquisa, nas páginas anteriores, é de que o *Eu Escolhi Esperar* se apresenta como um movimento contra a cultura moderna, no entanto, ao mesmo tempo que se opõem, abraça alguns destes valores.

Como foi exposto na sessão anterior, a concepção de indivíduo racional, autônomo e portador da possibilidade de escolha se desenvolve plenamente na modernidade. Weber (2005) identifica a racionalidade como a principal característica das sociedades ocidentais modernas. De acordo com o autor as relações - econômicas, políticas, sociais, religiosas, artísticas- das pessoas com o mundo ao seu redor foram sendo impregnadas por um jeito racional de agir. Ao se tornar o centro do universo e medida de si mesmo, na modernidade, cabe ao indivíduo ser responsável por sua própria racionalidade, escolha e independência.

Weber (2005) aponta para um processo, nas sociedades modernas ocidentais, em que formas de explicações religiosas sobre o social perdem o monopólio devido ao uso da razão e o desenvolvimento do pensamento científico. Tal processo culminaria em um mundo desencantado, ou seja, na eliminação das crenças religiosas.

No entanto, na contemporaneidade é possível perceber que longe de serem eliminadas pelo desenvolvimento das sociedades modernas e pelo predomínio da razão, as crenças religiosas apenas se deslocam e passam a ser interiorizadas por cada indivíduo que acredita e escolhe se orientar pelos ensinamentos religiosos.

Segundo Santos (2008), no mundo desencantado, em que prevaleceria a racionalidade e a intelectualidade, os indivíduos travariam uma busca constante de sentidos para a vida. Ao se referir à socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, Santos (2008) diz que:

Segundo a autora, a secularização não significou, contudo, a ausência ou a perda da religião na sociedade moderna, mas sim, possibilitou rearranjos das crenças que se produzem em sociedades de massa, cheias de insatisfações e desesperanças, cuja condição é o consumo desmedido e a incerteza ligada à procura interminável dos meios de satisfazê-lo. (SANTOS, 2008, p.27)

A partir de suas análises sobre religião nas sociedades modernas, Berger acredita que a modernidade seculariza o mundo, no entanto, não põe fim à religião, mas apenas aos monopólios religiosos e ao mesmo tempo retira a religião dos espaços públicos. Desta forma, a religião torna-se também uma questão de escolha, e recua para a esfera da vida privada.

A sociedade contemporânea torna-se, portanto, herdeira de um cenário que começa a se delinear no início dos tempos modernos, onde o indivíduo é responsável por escolher entre uma pluralidade de “domínios aquilo com que melhor se identifica na construção do seu próprio ethos”. (SANTOS, 2008, p. 31) Entretanto, para Santos (2008), a emancipação do indivíduo das redes tradicionais de apoio, como a família e a religião, cujos valores éticos-morais serviam como referencial, não significa que estes dispõem de uma liberdade livre de conflitos, pois os riscos socialmente produzidos seriam colocados diariamente sobre suas costas. Segundo

o sociólogo britânico Anthony Giddens, a sociedade contemporânea é uma sociedade de riscos criados pelo avanço tecnológicos, estes riscos seriam parte do defeito do projeto da modernidade e seriam derivados das consequências involuntárias e da reflexividade ou circularidade do conhecimento social.

Ao analisar as consequências da modernidade, Giddens (1991) diz que vivemos em uma época marcada pela desorientação e pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais, o que causaria um o sentimento de perda de controle. A partir de sua compreensão de que a modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991.p.11), o autor aponta para uma transformação na percepção dos indivíduos e da coletividade sobre as noções de segurança e confiança e também sobre os perigos e riscos de viver.

“A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais”. (GIDDENS, 2002, p. 38)

De acordo com o autor, o rompimento com a ordem tradicional gerou uma série de incertezas devido as múltiplas possibilidades de escolha e criou um ambiente em que o indivíduo está constantemente rodeado de insegurança, perigos e ansiedade no qual sobre ele recai uma carga enorme de responsabilidade.

Diante desta situação, Santos (2008) acredita que duas consequências parecem inevitáveis, tanto o apego ao tradicional quanto uma individualização exacerbada se apresentam para a autora como formas de o indivíduo contemporâneo lidar com a insegurança.

Se na contemporaneidade a percepção de indivíduo como autônomo e portador da liberdade de escolha difundiu-se, por outro, propiciou o surgimento de movimentos como o *Eu Escolhi Esperar*, que através da religiosidade buscam conservar valores éticos e morais ao mesmo tempo se apresentam como porto seguro numa sociedade de risco (BECK,2011).

Se você verdadeiramente não está mais disposto a sofrer como todo mundo sofre, isto terá um preço; você precisará abrir mão de fazer escolhas erradas, que entristecem o coração de Deus e o afastam do cumprimento das promessas dele para sua vida. Ser feliz no amor não é uma questão de sorte, mas de escolhas ( NELSON JUNIOR, 2015, p.51-52)

#### **4- SEXO E PERIGO: CONSEQUÊNCIAS DE PRÁTICAS SEXUAIS ANTES DO CASAMENTO.**

A partir das reflexões expostas nos capítulos anteriores percebemos que o sexo, dentro do pensamento cristão, foi alvo de uma intensa regulação ao longo da história e partir do século XII, só passa a ser aceito como lícito, pelo cristianismo, no contexto do matrimônio. Apesar de todas as transformações ocorridas no mundo contemporâneo, tal preceito ainda é vigente para determinados grupos, prova disto é a proliferação, no final do século XX, de campanhas pró-*virgindade* voltadas para jovens e solteiros. Em 2011, no Brasil, surge a campanha *Eu Escolhi Esperar* “destinada àqueles que fizeram a opção de esperar pelo matrimônio para só então ter experiências sexuais. Mas porque esperar?

##### **4.1. ‘Deus criou o sexo seguro e o chamou de casamento’**

Ao falar sobre liberdade sexual no capítulo 1 do livro *Eu Escolhi Esperar*, o qual tornou-se uma das fontes analisadas durante o desenvolvimento da pesquisa aqui exposta, Nelson Junior aponta para uma proliferação de discussões e campanhas sobre a liberdade sexual e em defesa dos direitos homossexuais. De acordo com sua concepção, numa sociedade que se considera avançada, o sexo fora do casamento se tornou prática comum, inclusive entre cristãos, e a liberdade sexual tanto pregada por estas sociedades, teria como único limite o prazer. Nelson se opõe radicalmente a esta visão, adotada, segundo ele, pela cultura moderna, acerca da liberdade sexual, pois em suas palavras “liberdade sem responsabilidade sexual não é liberdade; é libertinagem”, neste sentido, a maior evidência desta constatação, e de uma suposta falsa liberdade estaria expressa nas gravíssimas consequências deixadas por ela na sociedade, tais como 1) Prostituição; 2) Gravidez na adolescência e 3) Doenças sexualmente transmissíveis.

Ainda segundo o idealizador da campanha, a sociedade paga um preço alto pela liberdade sexual que ela mesmo ensina através de pais, educadores e principalmente da mídia. Tal preço estaria relacionado às consequências da devassidão e da *imoralidade sexual* - qualquer prática do sexo fora dos padrões de

Deus-. Assim, em sua opinião, pouco resolverão campanhas “preventivas” se os meios de comunicação e a sociedade como um todo continuarem a promover o desejo sexual em um público de faixa etária cada vez menor.

Desta forma, Nelson acredita que:

Enquanto a sociedade continuar crendo na mentira de que, para resolver esses problemas, basta fazer uso de preservativos, toda a sua luta será em vão. Aos 12 anos eu já recebia informações sobre o uso de preservativos. Vinte anos depois, os números continuam crescendo. Combater o mal sem combater a causa é nadar contra a correnteza. Vou além: o uso da camisinha pode prevenir a contaminação de DST e até mesmo uma gravidez indesejada, mas não pode evitar a vergonha, a rejeição, a culpa, o medo, a insegurança, a humilhação, o abuso emocional e a solidão (NELSON JUNIOR, 2015, p.32)

Ainda de acordo com o autor, apenas o uso de preservativo e campanhas de educação sexual não podem combater as consequências do sexo antes do casamento, porém, observar e cumprir os princípios divinos, os valores e mandamentos estabelecidos por Deus podem. Portanto, segundo está lógica apresentada, escolher esperar até o casamento para ter relações sexuais é uma escolha que traz benefícios já que evita as consequências, já citadas aqui e que ainda serão debatidas neste capítulo, do sexo antes do casamento. Nelson diz que:

A relação sexual antes do casamento produzirá consequências na vida de solteiro e marcas que você levará para sua vida de casado. Como diz uma frase que faz muito sentido, “Deus inventou o sexo seguro e o chamou de casamento”. O sexo é lindo e puro, nos padrões de Deus, é maravilhoso! Sexo não é imoral, sujo ou ruim. Sexo tem dono, e não é o Diabo. A relação sexual é uma criação divina! O que o Diabo fez com o sexo foi uma “versão pirata”, pois toda a devassidão e imoralidade sexual é uma cópia barata e falsificada daquilo que Deus criou. (NELSON JUNIOR, 2015 p.32)

Diante do que foi exposto, percebemos que somente manter relações sexuais após o casamento, e apenas neste, ganha um sentido de prevenção já que protege o fiel de possíveis consequências que o sexo pode trazer se praticado fora do contexto do matrimônio.

Podemos nos questionar o porquê de o sexo pré-marital ser considerado pecado pelo cristianismo e especificamente pelo movimento que estudamos, o EEE. Sobre isso o idealizador da campanha responde, tanto em seu livro aqui analisado

quanto em seus vídeos e seminários, que não existe na Bíblia nenhum texto que diga diretamente que sexo antes do casamento é pecado, porém há muitas referências que condenam sua prática antes do matrimônio. Vejamos então as explicações que são dadas pelo movimento aos seus participantes, porém, para tanto precisaremos voltar ao conceito de casamento e as transformações que ocorrem em torno de tal.

Como comentado por historiadores, e já exposto nas páginas anteriores, por muito tempo o casamento no Ocidente esteve livre de regulações por parte da igreja católica, constituindo-se assim uma instituição laica e privada. Todavia este cenário não permaneceu por muito tempo. Já no século XI era possível perceber tentativas tímidas de intervenção por parte da igreja nos casamentos da época e que culminaria, no século XII, na introdução de um modelo de casamento cristão baseado nos preceitos da monogamia e indissolubilidade.

Até o surgimento da República no Brasil, a única forma de casamento era o religioso. Sendo assim, os não católicos não tinham acesso ao matrimônio. Segundo Carlos Roberto Gonçalves: “Durante a Idade Média, as relações de família regiam-se exclusivamente pelo direito canônico, sendo o casamento religioso o único conhecido ” (GONÇALVES, 2010, p. 32). Em 1891 o casamento civil é instituído em nosso país.

Atualmente, de acordo com a constituição de 1988, são aceitas pelo Estado duas formas de celebração do casamento: o civil e o religioso com efeitos civis. Sobre isso as constituições dispõem:

Art. 226 - A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 1º - O casamento é civil e gratuita a celebração.

§ 2º - O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.  
(BRASIL, CONSTITUIÇÃO, 1988)

Neste contexto, o casamento civil trata-se de um ato celebrado solenemente perante o Oficial do Cartório de Registro Civil e na presença de testemunhas. Ao casamento religioso, por sua vez, é admitido efeitos civis desde que este atenda aos requisitos legais dispostos no código civil. São eles:

Art. 1.515 - O casamento religioso, que atender às exigências da lei para a validade do casamento civil, equipara-se a este, desde que registrado no registro próprio, produzindo efeitos a partir da data de sua celebração. (BRASIL, CÓDIGO CIVIL, 2002)

Art. 1.516 - O registro do casamento religioso submete-se aos mesmos requisitos exigidos para o casamento civil. (BRASIL, CÓDIGO CIVIL, 2002)

A Constituição Federal de 1988 admite efeitos civis aos casamentos celebrados por qualquer religião e registrados em cartório, assegurando assim a liberdade de crença, desde que os preceitos da fé, não afastem os princípios estruturais da sociedade como, por exemplo, o da monogamia.

Em termos jurídicos, tanto o casamento civil quanto o casamento religioso com efeito civil conferem legalidade à união entre duas pessoas e fazem delas marido e mulher, permitindo assim que também gozem de um novo *status* civil, pois deixam de ser solteiros e tornam-se casados frente ao Estado. Se juridicamente as duas formas de casamento aqui citadas são igualmente válidas, para o *Eu Escolhi Esperar* elas se diferenciam em alguns aspectos.

No que se refere ao casamento civil, o porta voz da campanha diz que apesar do casamento no cartório oficialize e legalize uma união na esfera civil, quando duas pessoas se unem apenas por meio deste, não estão liberadas para ter relações sexuais se a cerimônia religiosa não acontecer no mesmo momento. Isto porque a celebração religiosa é considerada fundamental, pois seria por meio dela que o casal testemunharia publicamente a decisão de construir uma família e receberia a “benção” dos pais e de Deus.

Percebemos aqui que a ideia de casamento adotada pelo movimento se estende para além do registro civil. No entanto, segundo Nelson, nenhum líder religioso pode celebrar um casamento se o casal não o legalizar em cartório, já que é por meio deste ato que se oficializa o casamento, segundo as leis que regem nossa sociedade.

Sendo assim, apesar de o casamento civil ser considerado necessário, não é ele que consuma o casamento, assim também como não é a cerimônia religiosa, apesar de ser de suma importância, para o EEE.

A definição de casamento defendida pelo movimento é a que é apresentada no primeiro livro da Bíblia que diz o seguinte: “*por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne*” (Gênesis 2.24). Desta forma, Deus só consideraria duas pessoas casadas após três etapas, presentes do trecho citado, serem cumpridas.

A primeira etapa apresentada é a de *Deixar pai e mãe*, pois de acordo com o idealizador da campanha, para duas pessoas se casarem é preciso acontecer a emancipação. Emancipação aqui se refere a desligar-se da família de origem para formar um novo núcleo familiar. A segunda etapa é apresentada na frase “*E se unirá à sua mulher*”, pois para duas pessoas se casarem é preciso que o homem assuma sua esposa, saindo os dois de suas respectivas casas e construindo a vida juntos.

A terceira, e mais importante etapa para que possamos compreender a concepção de casamento adotada pelo movimento e que nos levará também à compreensão do porquê relações antes deste são condenadas por ele, é apresentada, por sua vez, na frase “*E eles se tornarão uma só carne*”. Segundo Nelson, nesta frase é apresentada a primeira referência a relações sexuais na Bíblia, pois apesar de não estar escrito *sexo*, seria a intimidade sexual que tornaria duas pessoas em uma só carne. Desta forma, a relação sexual é entendida como o ato que consuma a aliança entre duas pessoas, por meio dela duas pessoas distintas se tornariam uma só pessoa, e o sexo selaria um pacto entre elas. De acordo com ele:

O sexo é a aliança que une duas pessoas para sempre, tornando-as uma só carne para o resto da vida. Pode ter sido uma única vez, pode ser sido algo rápido. Pode ter sido um desconhecido de que não se sabe sequer o nome, mas toda a relação sexual tem esse poder.

Deus criou o sexo com uma finalidade clara: estabelecer uma aliança entre duas pessoas. Toda relação sexual em que ocorre a conjunção carnal (ou seja, a penetração), independentemente das circunstâncias, é o ato que estabelece a unidade entre elas. Diante de Deus, a relação sexual não é algo à parte, que ocorre fora do casamento. Ele criou o matrimônio e, dentro dele, estabeleceu a aliança que é sacramentada pela relação sexual. Quando uma pessoa se entrega sexualmente a outra, está, mesmo sem saber, unindo-se a ela numa aliança. (NELSON JUNIOR, 2015, p.63-64)

Percebemos aqui, que para a campanha *Eu Escolhi Esperar*, Deus estabeleceu o casamento e este acontece por meio do cumprimento de todas as etapas expostas acima, onde o sexo ocupa um papel central. Sendo assim a função do sexo seria unir duas pessoas, estabelecendo uma aliança entre elas. Nesse

sentido quando duas pessoas praticam o sexo fora do contexto do casamento estariam pecando, pois, o sexo teria sido criado para “consumar” o compromisso de matrimônio.

#### **4.2. Os perigos do sexo**

Comumente nos referimos à década de sessenta do século XX, como palco de grandes revoluções culturais. De fato, os anos sessenta são caracterizados por diversos autores como a década que alterou as formas culturais, bem como as relações humanas e as formas de comportamento existentes na sociedade daquela época. Daí muitos entenderem os anos sessenta como a década de revoluções espontâneas e estranhas, pois as revoltas que aconteceram nesta década tinham acima de tudo a intenção de mudarem as formas tradicionais de relacionamentos. Segundo estes autores, o que se viu nos anos sessenta foi a politização dos sentimentos. Anseios, desejos e vontades, outrora oprimidos, invadem a esfera pública. É a este contexto que são atribuídas as maiores “revoluções culturais”, como a “revolução sexual” que mudou os padrões de se sentir prazer que até então existiam, ou então o movimento feminista que em uma década teria transformado mais a posição da mulher na sociedade do que nos dois séculos anteriores.

No entanto, há autores que questionam a ideia de que "revolução sexual" dos anos sessenta, a qual foi tomada como símbolo de libertação sexual, corresponda a uma total liberdade de todas as normas para vida sexual. Para Magali Engel (2004), a partir da década de 60, houve mudanças significativas em relação aos hábitos e posturas sexuais. Tais mudanças foram digeridas pelo senso comum, ao longo do tempo, como sinais de um chamado "progresso" e ratificadas pela intervenção crescente de saberes científicos considerados "neutros" e "isentos de preconceito". Desta forma, Engel (2004) acredita que antes de significarem uma maior liberdade sexual, estes saberes continuaram ditando normas e definindo os limites de uma sexualidade sadia, limites estes, segundo a autora, "certamente, bem mais amplos e flexíveis do que aqueles estabelecidos pelos médicos do século XIX, mas que nem por isso deixam de assegurar - e, talvez de uma forma até mais

eficiente - o controle e a disciplinarização dos corpos e dos comportamentos sexuais."(ENGEL, 2004, p.14)

Para a autora, o novo falar do sexo que é inaugurado no fim do século XVIII e multiplicasse durante os séculos XIX e XX pelo mundo ocidental, não apenas assegurou maior liberdade sexual, mas ao contrário "representou a formulação e a execução de uma nova estratégia de controle do corpo e do sexo, mais adequadas às exigências de normatização das sociedades burguesas." (ENGEL, 2004, p.13)

Tal pensamento aproxima-se das formulações de Michel Foucault sobre o sexo e o poder. De acordo com este, durante o século XVII multiplicou-se os discursos sobre o sexo, no entanto, tal proliferação, longe de livrar o sexo das amarras que o prendiam durante a Idade Média, foi incitada pelo próprio poder, através da igreja, da escola, da família, e do consultório médico.

(...) intensificava-se o processo no qual, a vontade de saber do cientista, transformando o corpo, o desejo e o prazer em objetos de conhecimento, formulava um discurso sobre o sexo que não era "unicamente o da moral, mas da racionalidade. (...)" (ENGEL, 2004, p.13)

Segundo Foucault, foi no processo de modernização que a sexualidade passa a ser entendida como ponto de união entre indivíduo e sociedade, onde se cruzam questões relevantes e de interesse de políticas globais e locais, como as relacionadas à vida, à saúde, à doença e a morte, tornando-a assim um lugar estratégico para a gestão de populações. O autor analisa a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou lei, mas sim em termos de poder, que ele define como:

Dizendo poder, não quero significar "o poder", como um conjunto de instituições e aparelhos que garantem a sujeição dos cidadãos num determinado estado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não entendo o poder como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma de lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas da sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça,

inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1988, p. 88-89)

Foucault chama de *biopoder* o operador da articulação entre tecnologias disciplinares e biopolíticas e responsável pela "administração dos corpos e pela gestão calculista da vida" (FOUCAULT, 1988, p. 131), este seria um tipo de poder que teria se formado no século XVII e XVIII e se expandido e generalizado por toda a sociedade durante o século XIX. Nos séculos que se seguem cada vez mais os aparelhos médicos se integram aos aparatos administrativos com funções reguladoras. Como nos lembra Engel (2004), até mesmo a descoberta e disseminação da pílula anticoncepcional, que como já apontamos aqui foi encarada por alguns autores como responsável por ter inaugurado uma revolução nos comportamentos e o início de uma jornada de dissociação entre sexualidade e procriação, devemos ao "progresso científico", que continuou ditando normas e fixando os procedimentos que assegurassem um "bom desenvolvimento sexual", como por exemplo, através do orgasmo e do máximo de prazer nas relações sexuais.

Ao falar sobre relações de poder, Foucault (1995) diz que estas relações se articulam sobre dois elementos indispensáveis: "que "o outro" (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis."(FOUCAULT, 1995, p.243). Deste ponto de vista, o exercício do poder consistiria em "conduzir condutas" e em ordenar a probabilidade. Sendo assim, as condutas seriam apreendidas pelos indivíduos numa aparente flexibilidade das estruturas sociais, garantindo assim o controle e ampliando-o à todo o corpo social, em um processo que significa o indivíduo como portador da liberdade de escolha.

Quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo "governo" dos homens, uns pelos outros - no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre "sujeitos livres", enquanto "livres" - entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas

condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. (FOUCAULT, 1995, p.244)

Chegamos aqui ao um ponto importante de nossa discussão neste tópico. Percebemos que, de acordo com a análise apresentada, cabe ao indivíduo a liberdade de escolha, no entanto, ele próprio deve avaliar os possíveis riscos de seu comportamento, e nesse contexto a noção de segurança ganha centralidade.

Nesse sentido, ter liberdade de escolha, segundo o *Eu Escolhi Esperar*, não é fazer tudo que o indivíduo possa desejar, mas sim ter o poder de escolher aquilo que é melhor a partir de uma avaliação de todos os riscos e consequências de suas ações. Sobre isto um dos entrevistados explica:

Ter liberdade é poder viver o que fomos criados para viver. As vezes o cara acha que ter liberdade é não ter restrição, mas eu acho que não é isso não. Acho que somos livre para servir a Deus, não por obrigação, mas por vontade própria ( Hugo)

Como já apontei em alguns momentos, o sexo antes do casamento é apresentado, não só pela campanha *Eu Escolhi Esperar*, mas também por todos os movimentos pró-abstinência sexual que se proliferam no final do século XX e início do século XXI, como um perigo, cujos riscos afetam o bom funcionamento de todo o corpo social. Campanhas de prevenção e educação sexual são encaradas como ineficazes, já que minimizar os riscos não seria combater o perigo, isso se evidencia na frase do Nelson citada em seu livro e que serviu como título do primeiro tópico de capítulo: "Deus criou o sexo seguro é o chamou de casamento". Podemos concluir que, só é possível evitar os perigos do sexo praticando-o dentro do matrimônio.

A partir dos dados que obtive através de observação, entrevistas e análise dos livros da campanha, percebi que aparecem referências recorrentes, em maior ou menor número, a quatro principais riscos associados à prática de relações sexuais fora do contexto do casamento, e todos eles levariam à desordem.

O primeiro risco está associado aos altos índices de gravidez na adolescência. Com base em dados fornecidos pelo Fundo de População das Nações Unidas, a campanha afirma que o índice de adolescentes e jovens brasileiras grávidas hoje é maior do que na última década e cerca de 19,3% das crianças

nascidas vivas em 2010 no Brasil são filhos de mulheres de 19 anos ou menos (NELSON JUNIOR,2015). O idealizador da campanha critica a estratégia do governo de tentar conter esse crescimento acelerado através de campanhas educativas, que segundo ele, procuram ensinar aos adolescentes que sexo seguro é aquele que se usa preservativo.

O segundo risco que aparece com frequência no material coletado, é a incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DST), a qual já seria considerada um problema de saúde pública em todo o Brasil.

Os profissionais da área caracterizam esse tipo de questão como "problemas sociais", o que é um grande engano. Esses não são problemas unicamente sociais, mas morais, de ausência de valores e, sobretudo, espirituais. A ausência da família e o abandono aos princípios e valores de Deus empurram a sociedade a ladeira abaixo, para o caos social. (NELSON JUNIOR, 2015, p.31)

A "escravidão sexual", apesar de aparecer com menos incidência, também seria um risco, e a prostituição, assim como a pornografia, é considerada pelo movimento como uma grande evidência do crescimento desse tipo de escravidão, que seria causada por as pessoas tornarem-se reféns dos próprios prazeres, e com o tempo cada vez mais viciadas em sexo.

Há ainda o risco de infelicidade amorosa, desses trataremos mais tarde.

Dentro desta perspectiva o sexo se apresenta como uma ameaça, pois suas consequências podem afetar a ordem social. Gauer (2005), ao pensar sobre a ordem e o risco da ausência da ordem, a partir dos escritos de Mary Douglas (1976), diz que essa, discutindo a relação entre Pureza e Perigo, identifica pureza a obediência a um padrão de comportamento ou uma ordem onde todas as coisas devem estar em seus lugares devido e igualmente ordenadas. Ser puro ou impuro é estar ou não no lugar certo. Desta forma, o sexo deve se restringir apenas ao contexto do casamento, o qual é encarado não apenas como o seu lugar, mas como também a razão de sua existência. Fora deste cenário o sexo torna-se impuro, é como diz Mary Douglas (1976), " a impureza é essencialmente a desordem" (DOUGLAS, 1976, p.6)

Douglas define impureza como qualquer coisa que não esteja em seu lugar, vejamos:

Concebemos a impureza como uma espécie de compêndio de elementos repelidos pelos nossos sistemas ordenados. A impureza é uma ideia relativa. Estes sapatos não são impuros em si mesmos, mas é impuro pô-los sobre a mesa de jantar; estes alimentos não são impuros em si, mas é impuro deixar os utensílios de cozinha num quarto de dormir ou salpicos de comida num fato; os objetos da casa de banho não estão no seu devido lugar se estiverem na sala de visitas; o mesmo é válido para as roupas abandonadas sobre uma cadeira; para coisas da rua que estão dentro de casa para objetos do primeiro andar que estão no rés-do-chão; para as roupas de baixo que aparecem onde devia aparecer roupa de cima, e por aí adiante. Em suma, o nosso comportamento face à poluição consiste em condenar qualquer objeto ou qualquer ideia susceptível de lançar confusão ou de contradizer as nossas preciosas classificações. (DOUGLAS, 1976, p.30)

Desta forma, a impureza é uma ofensa contra a ordem, por isso deve ser eliminada, pois ao assim fazermos, organizamos o nosso meio. Segundo a autora, a nossa ideia de impuro é fruto do cuidado com a higiene e do respeito a convenções que nos são próprios, sendo assim a ideia de impureza estaria fortemente relacionada com a de sujeira.

Para Gauer (2005), nada foi mais eficaz do que a disciplina moderna para garantir a ordem, pois suas técnicas disciplinares preocuparam-se não apenas com a sujeira e a doença, "mas trataram e tratam de organizar meios para disciplinar todas as formas de expressão e de comportamento, da forma como sentamos à mesa a mais cotidiana comunicação buscando os ideais de ordem" (GAUER, 2005, p.400). Para o autor a modernidade disciplinou não apenas os homens, mas todas as coisas que estivessem fora do lugar por serem consideradas ameaças e também criou um desejo irresistível de ordem e de segurança.

Segundo Caliman (2006), houve na modernidade uma tentativa de banir qualquer possibilidade de riscos virtuais, prováveis e calculáveis e as novas estatísticas de probabilidade se mostraram ainda mais potentes para tanto. As políticas públicas em relação à sexualidade passam a ser regidas pelo ideal de prevenção, e adotam a perspectiva do risco e da segurança.

Se por um lado, atualmente no Brasil, campanhas de prevenção sexual estimulam o uso de preservativos como o meio mais seguro de evitar doenças

sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, para o *Eu Escolhi Esperar* não se relacionar sexualmente até o casamento é a única maneira de prevenção segura, já que o movimento atribui ao sexo antes do casamento outras consequências, como a depressão, desilusões amorosas, infelicidade conjugal, traição e outras perturbações na vida afetiva. Através da fala de alguns entrevistados, pude perceber que tal perspectiva é compartilhada por muitos adeptos do movimento.

Em conversa com uma das entrevistadas, questionei que consequências a prática do sexo entre um casal de namorados que vai se casar poderia trazer, Luiza de 19 anos e líder do grupo de jovens de sua igreja responde:

Só porque uma pessoa "pensa" que vai casar com outra pessoa, não quer dizer que ela realmente vai casar com essa outra, e mesmo que casasse o pecado sempre traz consequências. Primeiro é a culpa, porque mesmo gostando dá outra pessoa, o cristão sabe que o que ele fez não é correto. E depois vem os problemas, um casal em minha igreja se casou porque a garota engravidou aos 18 anos, o casamento dos dois sempre foi cheio de brigas e problemas, e hoje os dois moram em casas separadas. Com certeza, não vale a pena trocar a benção de Deus, por sete minutos de prazer e uma consciência pesada."(Luiza, 19 anos )

No exemplo dado por Luiza, podemos perceber que a entrevistada associa ao sexo fora do contexto do casamento, três consequências sofridas pelo casal. Primeiro uma gravidez indesejada, seguida de problemas conjugais que acabam levando ao divórcio.

"As consequências de vivermos nossas experiências fora do tempo e propósito do Pai deixam sequelas que podem ecoar pelo resto de nossas vidas. Quando Deus nos orienta a guardar-nos sexualmente para o casamento, Ele não está "punindo", Ele está nos preservando!" (NELSON JUNIOR, 2015, p.33)

Podemos entender que a abstinência sexual é encarada pelo movimento como um meio de prevenção de riscos diversos, e que, nessa perspectiva, o sexo, quando praticado antes do casamento ou fora dele, produz consequências não só individuais, mas também coletivas. No entanto, como diz a entrevistada acima e como veremos mais adiante a abstinência sexual ajudaria também a um futuro casamento feliz.

## 5- RUMO AO ALTAR: A JORNADA DE QUEM ESPERA

Início esse capítulo com reflexões sobre relações amorosas na sociedade atual e o ideal de amor romântico , pois os dados coletados apontam para centralidade desse tema.

Como aponta Araújo (2002), ao longo do tempo, a instituição “casamento” tem sido moldada por determinações econômicas, sociais e culturais. Vimos em páginas anteriores que a associação entre amor, sexualidade e casamento é apontada por alguns autores como uma invenção burguesa e que o amor como fundamento para a união conjugal surge na modernidade e seu desenvolvimento produz profundas mudanças nas formas de se relacionar. Durante séculos o casamento foi caracterizado como apenas um negócio entre famílias, e dos indivíduos em questão era afastada a possibilidade de escolha do futuro cônjuge. Giddens (1993) ainda destaca que tal situação ainda se faz presente em culturas não ocidentais – na Índia e em países islâmicos o casamento arranjado ainda existe -, onde a escolha do parceiro pelo encantamento e apaixonamento aparece como algo relativo. (ARAÚJO 2002, ARIÈS 1987, FOUCAULT 1999, GIDDENS 1993, VAINFAS 1986)

Todas as transformações, já apontadas em outros capítulos, que começam a desenvolver-se na modernidade, e intensificam-se durante o século XX em torno do indivíduo e de sua sexualidade afetam diretamente os valores e as ideologias matrimoniais. Para Anthony Giddens (1993), uma série de eventos, incluindo as duas grandes guerras mundiais do século XX, a emancipação econômica e sexual da mulher, o surgimento do movimento feminista e a invenção de métodos contraceptivos seguros geraram transformações na intimidade dos indivíduos, resultando assim, novas formas de relacionamentos.

Se na Idade Moderna o casamento por amor passa a se caracterizar por uma demanda romântica, influenciado pelos ideais romanescos que inspiravam vínculos de amor e fidelidade, Giddens (1993) aponta para a construção, a partir do século XX, de uma forma de amor e de relacionamento que têm como base a igualdade e os princípios democráticos. De acordo com este autor, as categorias de amor

confluyente e relacionamento puro são essenciais para se pensar acerca das novas formas de se relacionar que surgem na alta modernidade.

O amor confluyente é caracterizado por Giddens ( 1993) como :

Um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da idéia do amor romântico. A sociedade “separada e divorciada” de hoje, aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial”. (...) o amor confluyente presume na doação e no relacionamento emocional. (GIDDENS, 1993, p. 72)

Desta forma o amor confluyente, para o autor, é considerado mais real do que o amor romântico, pois presume igualdade nas trocas afetivas e nos envolvimento emocionais. O prazer sexual e o uso da sexualidade devem ser recíprocos e tornam-se cerne e fator determinante para a manutenção ou dissolução dos relacionamentos, Giddens ainda salienta que, ao contrário do amor romântico, o amor confluyente não se limita à monogamia e à heterossexualidade

A categoria de amor confluyente, para Giddens (1993), caracteriza a experiência amorosa contemporânea e está totalmente relacionada ao surgimento de uma forma de relacionamento ao qual o autor conceitua como “relacionamento puro”. Este é definido por ele como referindo-se:

(...) a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada um individualmente, para nela permanecerem (...) o amor costumava ser vinculado à sexualidade pelo casamento, mas agora os dois estão cada vez mais vinculados através do relacionamento puro. (GIDDENS, 1993. p.69)

O relacionamento puro, assim, tem um fim em si mesmo. Apesar de ser centrado no compromisso, na intimidade e confiança e também de fornecer garantias de segurança e estabilidade entre os parceiros, esta forma de relacionamento não presume, necessariamente, o casamento como objetivo final, pois só deve durar enquanto for satisfatório para ambas as partes. (Giddens 1993, Araújo 2002)

Até aqui é possível perceber que as relações íntimas vêm sofrendo mudanças radicais na história recente, as quais têm possibilitado o surgimento de novas formas de relacionamentos amorosos, Como apontam Zordan, Falcke & Wagner (2008), até os anos 70 a constituição da família parecia ser orientada por um modelo único de família nuclear tradicional, a qual é definida pelas autoras como caracterizada pelo casamento heterossexual indissolúvel e por papéis socialmente demarcados do homem como provedor e da mulher como a dona de casa, no entanto, na contemporaneidade, os ideais de amor romântico em que a união conjugal era única e eterna fragmentam-se, abrindo espaço para novas formas de amar e de relacionar-se.

Para Bauman (2004), a sociedade contemporânea vive uma época de grandes transformações nos relacionamentos humanos, a crescente individuação e o desprendimento do indivíduo das redes de pertencimento social teria propiciado um contexto em que o “eu” se sobrepõem ao “nós”, tornando assim os laços sociais cada vez mais suscetíveis de serem desfeitos. Nesse contexto os relacionamentos amorosos, seriam caracterizados por laços fluidos e sem previsão de vínculos duradouros. Bauman (2004) percebe um paradoxo nas relações amorosas contemporâneas, pois ao mesmo tempo que o indivíduo tem a intenção de estar junto, não quer estabelecer vínculos duráveis, desta forma anseiam por relações íntimas, mas sem estabelecer relações duradouras.

Jablonski (2001) ao falar sobre o que ele chama de “crise do casamento contemporâneo”, percebe, assim como Bauman (2004) uma ambivalência na postura da atual sociedade frente ao casamento. O autor diz que :

presenciamos a concomitante estimulação para um gozo maior da sexualidade (onipresente na mídia e nas artes) tendo de conviver com os ditames monogâmicos de uma relação a dois; a exaltação de um estilo de vida altamente individualista e narcísico indulgente, que preza a realização individual acima de tudo, a qual é incompatível com o espírito de familismo que deve acompanhar a vida de um casal, mormente aqueles com filhos; e o apelo ao novo e à descartabilidade, batendo de frente com a noção de comprometimento inerente à opção de quem quer se casar, constituem exemplos do que entendemos por uma exacerbação de demandas antagônicas concomitantes, e que têm levado os casais de hoje a um estado de confusão de valores e de atitudes, que culmina em um grande número de separações e divórcios (JABLONSKI, 2001, p. 86).

Desta forma Jablonsky (2011) argumenta que ao mesmo tempo que a sociedade contemporânea estimula o casamento, incita a cada uma das partes a não permanecerem juntas.

### **5.1. Até que a morte nos separe: A busca pelo parceiro ideal**

O *Eu Escolhi Esperar* é um movimento que trabalha a partir de dois temas específicos: o da preservação sexual e integridade emocional. No capítulo IV discutimos as concepções do movimento em relação ao primeiro tema citado, neste interessamo-nos a respeito do que o movimento chama de integridade emocional.

Integridade emocional é encarada pela campanha como a decisão de guardar-se emocionalmente. Segundo o idealizador do *Eu Escolhi Esperar*, durante muito tempo, as igrejas teriam ensinado aos jovens que guardar-se para o casamento se resumiria em abstinência sexual, ou seja, praticar sexo somente no casamento, no entanto, apesar de não estar errado, tal ensinamento estaria incompleto, pois guardar-se, para ele, vai muito além de evitar relações sexuais no namoro. Desta forma a campanha não propõem apenas o celibato, mas também tem como objetivo enfatizar a importância de esperar a pessoa certa no momento certo para se construir relacionamentos duradouros.

A partir da fala de Nelson Junior: “ Entendo que esperar em Deus é uma longa caminhada. Uma jornada traz um sentido muito mais amplo do que imaginamos, pois requer planejamento, preparo e alvo e destino estabelecidos. É fundamental saber o ponto de largada, mas principalmente onde se quer chegar. ” (NELSON JUNIOR, 2015, p.110) e “Se você não se submete ao processo de Deus, você não vai alcançar a promessa. ” (NELSON JUNIOR via twitter) podemos compreender que a proposta da campanha *Eu Escolhi Esperar* não se restringe apenas ao incentivo aos jovens a viverem experiências sexuais após o casamento, mas também propõem um padrão de comportamento, em relação à vida amorosa, que deve ser seguido em diferentes fases da vida e que constitui-se em um processo. Nesse sentido escolher esperar para o movimento é muito mais do que se casar virgem, pois envolve a busca pelo parceiro ideal para o matrimônio. Tal busca também é encarada como uma questão de escolhas pessoais, que

distanciarão ou aproximação o fiel do seu objetivo final, que deve ser encontrar um amor para a vida toda.

Na análise dos discursos dos entrevistados e do material bibliográfico produzido pela campanha pude perceber a centralidade dada pelo movimento ao encontro da “pessoa ideal”. O sucesso desta busca é associado à observância de determinadas regras de comportamento, mas, no entanto, tais regras são negociadas e redefinidas por grande parte dos seguidores do movimento ouvidos nesta pesquisa.

Tal centralidade do tema da busca pelo cônjuge ideal, que já foi destaque de um dos livros publicados pelo movimento e também tornou-se assunto central dos seminários realizados ao longo de 2016, se deve à crença de Nelson Junior, o qual julga a escolha do amor como a segunda escolha mais importante da vida - a primeira seria a conversão-, pois esta seria uma escolha para toda a vida, devido à indissolubilidade<sup>4</sup> do casamento.

Ao longo da sua vida, você poderá fazer várias escolhas e novas mudanças. Por exemplo, você pode mudar de casa, de bairro, cidade, estado e até de país. Pode mudar de carro, de time, de faculdade e até de profissão. Mas quando você entrar em uma aliança de casamento, esta decisão é para o resto da sua vida. Não se case crendo que casamento é descartável: “Não deu certo separa! (NELSON JUNIOR, 2014, p.14)

Desta forma, o movimento acredita que o parceiro ideal é fruto de uma escolha individual, cujo a responsabilidade recai sobre o indivíduo. Segundo esta crença, Deus não teria criado parceiros específicos, predestinados a se casarem, como explica Nelson:

Não cremos que exista uma exclusividade divina antes do casamento, mas depois. Por exemplo, eu (Nelson) esperei sete anos, Lembra-se? Mas não acredito que a Ângela seria a única mulher com quem eu pudesse me casar. Mas quando assumi um compromisso de casamento, a partir desse ponto ela se tornaria única para mim a ponto de não desejar mais nenhuma

---

<sup>4</sup> Para o movimento, o “padrão divino” de casamento deve ter a indissolubilidade como ideal, pois todo casamento interrompido é considerado como uma tragédia que trará consequências para toda a vida. No entanto, o EEE admite que há uma enorme divergência sobre o tema da separação ou divórcio. Há igrejas protestantes que aceitam independente da condição, e outras que só aceitam em caso de vivez, adultério ou abandono do outro cônjuge.

outra. Ela se tornara exclusiva depois que firmamos a aliança de compromisso e de fidelidade ( NELSON JUNIOR, 2014, p.101)

Para a campanha, fazer uma escolha acertada na vida amorosa envolve a aliança entre três elementos importantes: o tempo certo, a pessoa ideal e a forma correta de conduzir o relacionamento. No entanto, a quebra de qualquer um deste princípios potencializaria a chance do fiel viver frustrações amorosas.

### 5.1.1 O tempo certo

Segundo a crença do movimento, nenhum cristão deve se envolver amorosamente com outra pessoa, se ambos envolvidos não estiverem visando o casamento, pois o término dos romances é atrelado, pela campanha, à falta de perspectiva de estabelecimento de vínculos duradouros. Segundo Nelson Junior:

Muitos começam o namoro sem nenhuma condição de assumir um compromisso. É como desejar comprar um carro sem ter dinheiro. De que adianta ir à concessionária, combinar com o vendedor, enviar proposta de compras... se você não tem dinheiro para pagar? É o que costuma acontecer: as pessoas querem namorar sem ter condições mínimas de se casar (NELSON JUNIOR, 2015, p.135)

Desta forma, o movimento aconselha que seus membros não iniciem relacionamentos amorosos sem que tenham convicção de que desejam conhecer melhor a outra pessoa para o casamento, o qual deve ser o único propósito do namoro. Sendo assim, o tempo certo, para o EEE, passa por uma questão de idade. Nesta concepção existiriam dois tipos de idade: a idade cronológica e a idade emocional ou psicológica (o que chamamos de maturidade). Para iniciar um relacionamento, a campanha considera como fator mais importante a idade emocional, ou seja, o nível de maturidade dos envolvidos. Idade emocional é assim um conceito importante, é definida como algo individual e influenciada por fatores como o ambiente familiar, contexto social, experiências acumuladas, realidade econômica, nível intelectual entre outros.

Segundo o discurso da campanha, a cada geração que passa as pessoas se relacionam amorosamente mais cedo, as razões para tanto seriam duas. A primeira estaria relacionada a uma questão social, pois, atualmente, desde a infância haveria uma grande pressão sobre os indivíduos para que estes namorem. A segunda razão seria uma questão biológica ligada ao início da puberdade, onde surgiriam desejos e impulsos sexuais que alterariam o comportamento, despertando assim a sexualidade.

De acordo com essa perspectiva, a adolescência é encarada como uma fase onde os indivíduos agiriam por impulsos, pois por não entenderem os perigos de suas inclinações sexuais, não saberiam controlá-las. Sobre isto Nelson Junior diz que:

Não há fase mais conturbada na vida de um ser humano do que a adolescência. Adolescer vem do latim e significa crescer, desenvolver e começar a amadurecer. Diversas mudanças acontecem no adolescente, que atingem não só o corpo, como também emoções, o papel social e afetam pais e irmãos que não sabem como lidar com as transformações bruscas de comportamento, típicas dessa fase. É por essas razões que a adolescência não é o tempo certo para começar a namorar. Afinal o nome já declara: é a fase de amadurecimento, ou seja, não estamos prontos. (NELSON JUNIOR, 2014, p.37)

Desta forma, o movimento considera que os indivíduos que se encontram nesta fase não são considerados maduros emocionalmente, por isso a adolescência não é encarada como o tempo certo para namorar.

Conceituar a adolescência torna-se uma tarefa difícil, pois podemos caracterizá-la a partir de diferentes perspectivas - biológica, psicológica, jurídica e sociocultural -, no entanto, comumente sua definição está intimamente associadas a determinadas transformações psicossociais que ocorrem no indivíduo. Segundo determinações da OMS - Organização Mundial de Saúde- a faixa etária que compreende este período se estende entre os 10 aos 19 anos. (PEREIRA, 2002)

Cabe ainda dizer que para autores como Stone e Church (1972 apud Fiori,1982:11) e Pereira (2002) a adolescência se trata de uma invenção cultural, pois sua existência e duração estariam relacionadas ao grau de desenvolvimento tecnológico de uma determinada cultura.

Do ponto de vista das ciências sociais, a adolescência, enquanto fase da vida, se trata de uma construção recente e está diretamente ligada ao ideal individualista e cientificista das sociedades modernas. (Ariès, 1981; Foucault, 1997) Rocha e Garcia dizem que:

(...) nesse sentido a modernidade categorizou e compartimentou tanto a realidade social quanto o curso da vida individual em torno de classes sociais e em função de faixas etárias. A infância e a adolescência se viram, então, “racionalizadas” em suas trajetórias individuais, e o desenvolvimento humano, teorizado pela ciência, especificamente pela Psicologia do desenvolvimento, passou a ser um processo ordenável, sequencial e universal rumo à maturidade. (ROCHA&GARCIA, 2008,p. 625)

Conforme Rocha e Garcia (2008), se na modernidade a adolescência foi alvo de um projeto de institucionalização da vida (Foucault, 1997), na contemporaneidade a adolescência se torna cada vez mais estilizada e menos vinculadas às limitações de idade. As autoras apontam para um processo de idealização da adolescência na cultura contemporânea, como representante do ideal moderno de liberdade.

Se a modernidade, em nome da liberdade, erigiu os ideais de cientificidade, progresso e categorização do curso da vida talvez como proteções contra o desamparo resultante da morte de Deus e do desencantamento do mundo, como considerar a articulação entre ideais e mal-estar hoje, quando a liberdade recebeu um novo significado? Podemos então sugerir que a adolescência enquanto ideal se apresenta como uma resposta ao mal-estar na cultura ao se tornar o representante do ideal de liberdade encarnado na mobilidade, na transitoriedade, na fluidez das identidades e na valorização narcísica do corpo e das relações enquanto requisitos exigidos pela nossa vida contemporânea (ROCHA E GARCIA, 2008, p. 629)

Justo (2005) acredita que, durante o século XX, a adolescência foi caracterizada como representante máxima da juventude, da potência, da liberdade e da disposição para mudança, no entanto, também foi vista como um momento de vivência de grandes crises e transformações biopsicológicas e sociais tanto pela ciência quanto pelo senso comum. De acordo com o autor, a cultura contemporânea, marcada pela mobilidade, pela flexibilidade e pela efemeridade elege o adolescente como modelo, tornando-o o “protótipo do sujeito errante, sem raízes ou em processo de derrenraizamento, desterritorializado, plástico, flexível, consumista (adolescência e shopping se confundem), narcisista”. (JUSTO,2005, p.66)

É dada a esta volatilidade, por motivos biológicos e socioculturais, atribuída à figura do adolescente na contemporaneidade, que o *Eu Escolhi Esperar* prega que nesta fase da vida deve ser feita a escolha de esperar o amadurecimento emocional, o qual se daria, geralmente após os 19 anos. Nesta fase da vida o movimento diz haver maiores riscos, tanto em relação a escolha de um parceiro errado, o que levaria ao acúmulo de frustrações e de diversos relacionamentos, indo assim, contra ao propósito do namoro cristão, tanto quanto o risco de relações sexuais fora do casamento, pois segundo o movimento 68% das pessoas que namoram na adolescência na idade entre 13 e 18 anos perdem a virgindade mesmo estando dentro da igreja. (NELSON JUNIOR, 2014, p.39)

O movimento diz não proibir o namoro na adolescência, apesar de desencorajá-lo, pois acredita que esta não é uma questão de “pode” ou “não pode”, mas sim de escolhas, segundo Nelson Junior: “namorar na adolescência pode até proporcionar algum tipo de prazer”, no entanto “viver um romance no tempo de Deus é incomparavelmente melhor, e não acumula dores ” (NELSON JUNIOR, 2014, p.39). Tal premissa reforça a ideia apresentada de que a aceitação dos códigos morais de conduta é encarada como fruto de uma escolha do indivíduo e não apenas uma imposição.

Dos cinco membros e seguidores do EEE entrevistados nesta pesquisa, com exceção do Hugo de 22 anos, todos se encontram na faixa etária denominada pelo movimento e pela OMS como correspondendo à adolescência e apenas um deles não teve relacionamento amoroso durante esta fase, no entanto, suas concepções e escolhas sobre o assunto divergem como apontam os depoimentos:

Eu comecei a namorar com 14 anos, namorei 4 anos e estou noiva, com meu primeiro namorado, mais não aconselho para ninguém, porque quando se é jovem temos mais vigor e vontade para adorar e estar próximo de Deus, e um relacionamento, um namoro tira um pouco da sua atenção. Tem coisas que Deus entrega nas nossas mãos, mas o melhor é esperar, o que é seu vai chegar e vai acontecer, não adianta você meter os pés pelas mãos! (Maria)

Adolescentes não estão prontos para namorar, experiência própria. Esperar o tempo certo é a melhor escolha. Eu e meu ex namorado oramos muito antes de começar o namoro, tenho certeza que ele era a pessoa certa, mas não estávamos prontos. Muito ciúme, muita cobrança, muitas brigas. Queria muito que tivesse dado certo. (Manuela)

Foi pela ansiedade de começar a namorar com 16 anos que ainda acumulo muitas feridas, hoje com 22 percebo que deveria ter esperado mais, mais sei que cada lagrima que derramei meu deus já enxugou e tem preparado bênçãos para minha vida. (Hugo)

Tenho 17 anos, e nunca namorei para valer, mas já paquerei é claro. Mas não era o tempo certo. (Ezequiel)

Durante a adolescência eu me apaixonei duas vezes, ainda bem que foram platônicas, pois eu realmente achei a pessoa certa com 18 anos e acho que Deus tem uma pessoa certa para todos. (Luiza)

Analisando os depoimentos, pude perceber que Hugo e Manuela, apesar de seguirem o movimento desde o início, ainda assim, engataram relacionamentos durante a adolescência e se arrependem pois consideram que eram muito imaturos e julgam o término dos namoros como consequência de não terem esperado. Ezequiel, apesar de nunca ter namorado, admitiu já ter tido interesse amoroso e que teria iniciado um relacionamento caso tivesse sido correspondido. Já Luiza, diz ter se apaixonado outras vezes e ter decidido esperar por entender que não era o momento certo, e que agora sim teria encontrado o seu verdadeiro amor. Maria, apesar de estar noiva de seu primeiro namorado, com quem teve relações sexuais e ter um relacionamento a quatro anos, diz se arrepender de não ter esperado durante e a adolescência, e diz que a imaturidade foi um dos principais motivos que a levaram a *cair em tentação*.

Apesar de *tempo certo* ser considerado o primeiro princípio para a escolha do parceiro ideal, percebemos nos depoimentos que a todo momento ele está sendo redefinido e ressignificado.

### 5.1.2 A pessoa ideal

Na fala dos cinco entrevistados foi possível perceber uma grande preocupação com a escolha do futuro cônjuge. Todos demonstraram concordância em relação a qual seria o propósito do namoro cristão, no entanto, apontam dificuldades para encontrar parceiros que se encaixem dentro das características desejadas. Maria e Luiza compartilham o imaginário de que o sucesso de um

relacionamento está atrelado ao encontro da pessoa certa, a qual seria determinada por Deus como apontam seus comentários.

Eu ainda acho que Deus prepara uma pessoa especial para nós, porém acho que nossas escolhas têm que coincidir com a de Deus. (Luiza)

Acho assim... Deus tem seus propósitos e nada impede os planos dele virem a ser frustrados!! Já vi vários testemunhos de pessoas que se separam e "refazem" suas vidas e depois lá na frente eles se reencontram e continuam! Deus não interfere nas nossas escolhas, mas, de alguma forma ele cumpre seus propósitos! (Maria)

As duas admitem a liberdade de escolha, no entanto, apontam que quando estas escolhas vão de encontro com a *vontade de deus*, o fracasso do relacionamento é quase certo.

Já Manuela, Hugo e Ezequiel também concordam que a escolha de uma pessoa certa seja fundamental para a felicidade no amor e para se chegar ao altar, no entanto discordam que seja Deus quem escolhe esta pessoa. Quando questionados a respeito da existência de uma "cara-metade" eles responderam o seguinte:

Antes de seguir o EEE eu acreditava nisso, é algo muito "fofo", típico de filmes. Mas a realidade, de fato, não é essa. Poderá e irá, provavelmente, aparecer mais de uma pessoa "interessante"/espiritual interessada em você e você poderá escolher. Como? Irá escolher com uso de seu discernimento, avaliando a pessoa de acordo com as instruções dadas por Deus na sua própria Palavra. E avaliará, também, além do fator espiritual, outros como personalidade, planos para o futuro etc. Certamente Deus não fez João para Maria e Maria para João. Não há na Bíblia algo do tipo. (Manuela)

Essa ideia de "metade da laranja" é tão falada no meio jovem cristão, que muitas pessoas se tornam ansiosas ao extremo, pensando em achar essa pessoa e tal. Acho que essa ideia acaba levando a escolhas erradas, eu mesmo já tive dois namoros e escolhi motivado pela paixão, por achar que eram o amor da minha vida. Hoje sou bem mais calmo e paciente. (Hugo)

Acho que não existe essa história, a pessoa certa é aquela que tiver todas as características que eu busco. (Ezequiel)

Sobre o assunto, o idealizador da campanha responde:

Não cremos que exista uma pessoa “certa” para cada um, no sentido de que Deus tem alguém neste planeta que foi feito exclusivamente para você. Ou que você precisa encontrar a pessoa (única) que está em algum lugar que você não sabe onde, e encontrá-la é uma missão de vida. Apesar de conhecer pessoas que ensinam isso, não vemos base bíblica para crer em predestinação amorosa. (NELSON JUNIOR E ÂNGELA, 2015, p.88)

Desta forma, o movimento prega que Deus não escolhe pelo fiel mas pode orientá-lo a encontrar alguém, pois escolher alguém de forma independente e sem direcionamento seria um erro. Nesse sentido a campanha propõem que o conceito de “pessoa certa” seja substituído pelo de “pessoa ideal”. Ao abandonar o conceito de pessoa certa, a ideia de que existe uma pessoa única, perfeita e exclusiva para cada um em algum lugar do planeta abre espaço para a busca da pessoa ideal – a qual não é encarada como perfeita, mas como portadora de um conjunto de qualidades procuradas e defeitos que sejam suportáveis.

Na busca pela pessoa ideal além de observar os direcionamentos de deus o fiel ainda deve estabelecer alguns critérios em relação à pessoa que espera ou procura, a junção destes fatores se constituiria em “*sinais de Deus*” apontando a pessoa ideal. Assim o movimento orienta ao fiel a estabelecer um perfil básico do que deseja encontrar em um parceiro ou uma parceira, nesse perfil devem constar atributos esperados em um futuro cônjuge, como personalidade, caráter, propósito de vida, espiritualidade, nível intelectual e química. Tais atributos devem ser avaliados pelo fiel em ordem de importância.

Percebe-se assim que a escolha de um futuro parceiro, segundo a campanha, deve ser feita racionalmente e não baseada na configuração de um amor-apaixonado, o qual Giddens (1993) descreve como:

(..) marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tenta conflitar. O envolvimento emocional com o outro é invasivo – tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais. (...) por esta razão, encarado sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais, ele é perigoso. (GIDDENS, 1993, p.48)

Segundo Nelson, a paixão seria a principal responsável por atrair pessoas sem nada em comum, e fazê-las engatarem um romance apenas por se sentirem

atraídas fisicamente, o que as levaria a namorarem sem pensar sobre suas escolhas. A paixão é assim encarada pelo movimento como um perigo, pois é considerada como um sentimento e não uma “direção divina”. De acordo com o idealizador da campanha: “Quando estamos apaixonados, nos encontramos sob efeitos emocionais e puramente biológicos e não necessariamente numa direção de Deus. O fato de sentirmos atração e sentimentos por uma pessoa não quer dizer que encontramos a pessoa de Deus e ideal para nossa vida” (NELSON JUNIOR, 2014, p19). Ele ainda diz que:

Encontrar a pessoa certa significa decidir que desejamos partilhar com alguém a longo prazo, e precisamos fazer isso antes que nossos desejos carnis falem mais alto e nos ceguem impedindo que façamos uma escolha baseada na direção de Deus e não de acordo com nossas necessidades. (NELSON JUNIOR, 2014, p.23)

Dos cinco entrevistados apenas um confirma que a paixão tenha o feito escolher errado.

Antes eu estava com a pessoa errada, me fazia sofrer e queria me afastar de Deus. Hoje, o Senhor me libertou desse mal, e eu continuo esperando alguém que some na minha vida. (Hugo)

Enquanto que Maria, Manuela e Luiza dizem ter avaliado seus pretendentes antes de iniciarem o namoro.

### 5.1.3 A forma certa

Para a campanha, a jornada de quem espera ser feliz no amor não termina ao esperar o tempo certo e encontrar a pessoa ideal, pois o sucesso de um relacionamento dependerá também da *forma certa* de conduzi-lo, pois, a quebra de um princípio pode por todo o processo em risco, sendo assim o movimento orienta aos jovens a seguirem uma série de comportamentos ao observarem as seguintes etapas: paquera, namoro e casamento.

## Conquista

Nessa perspectiva, a iniciativa de se iniciar um romance deve partir sempre do homem pois para o movimento: “Ele procura e a moça é encontrada”, assim cabe a mulher esperar que o rapaz a aborde. A justificativa para tanto, seria de que na Bíblia, a maioria das mulheres não teria tomado a iniciativa para começar um relacionamento, sendo assim a ordem natural, seria a mulher ter a paciência de esperar e o homem ter a iniciativa de abordá-la. No entanto, ao mesmo tempo, a campanha não considera pecado a mulher tomar iniciativa, mas crê que esta seja uma orientação de proteção, principalmente feminina, que deve ser observada, já que as mulheres não seriam preparadas emocionalmente para uma possível rejeição. De acordo com o idealizador da campanha:

Em toda a Bíblia não vemos a mulher tomando iniciativa para começar um relacionamento. Podemos citar vários exemplos, como o de Eva, Raquel, Ester e Maria. Semelhantemente a história de Rebeca também revela isso. Note que “então o servo ao encontro”. Partiu de Eliezer a iniciativa de abordar a moça. Então se você é homem tenha isso em mente. (NELSON JUNIOR, 2014, p.147)

Além de um argumento baseado em exemplos bíblicos, a campanha utiliza explicações de cunho biológico. O homem é descrito como um caçador, desta forma seria da sua natureza ir em busca da mulher, portanto ele estaria emocionalmente programado caso houvesse uma rejeição, diferente da mulher que encontraria muito mais dificuldade de absorver o ocorrido. Os homens agiriam com a razão para depois darem lugar a emoção, enquanto que as mulheres estariam mais propensas a agirem movidas pela emoção. Para exemplificar esta situação Nelson diz que:

Se um rapaz aborda uma moça visando se casar com ela futuramente, mas ela não tem interesse nele e leva um “não!”, possivelmente ele ficará chateado, triste e desapontado. Pode até levar um tempinho para esquecê-la, mas, se sair para jogar bola com os amigos, ele, com facilidade, absorverá a experiência negativa, se refaz e parte pra outra. (...)A mulher, quando não correspondida, naturalmente tem dificuldade de assimilar a negativa e uma série de outros sentimentos brotarão em seu coração. (NELSON JUNIOR, 2014, p. 150)

Se em relação à abstinência sexual o *Eu Escolhi Esperar* adota um discurso de igualdade de gênero, no que se trata ao comportamento em relação à abordagem na conquista, os papéis de homens e mulheres são claramente diferenciados, no

entanto, entre os entrevistados as opiniões divergem, como podemos observar a partir de seus depoimentos:

Se a garota tem confiança e está realmente interessada, tem que tomar a iniciativa sim. Cada um é cada um, e Deus nos fez desse modo justamente para que não precisarmos agir da mesma maneira. Tem mulheres que são mais confiantes, com instinto de liderança, com porte e vão atrás do que querem e estão mais que certas! A vida só é vivida uma vez, então não se deve deixar passar oportunidades que Deus manda para você. Isso será a morte do cavalheirismo? Não! Claro que não, só que as exceções serão vividas como tal. Essa história de bela adormecida que fica esperando seu príncipe encontrá-la já deu a muito tempo. Então, na minha opinião, se você se sente confortável, confiante e segura deve ir atrás e ser feliz. (Maria)

Eu realmente discordo, claro que ele diz sobre o que está escrito na Bíblia, mas assim antigamente o homem podia casar com muitas mulheres, e hoje não, isso é pecado e por que hoje a mulher ainda não pode chegar no homem? Talvez os costumes mudem com os tempos (mas não a palavra, e pelo o que eu entendi não está escrito 'só o homem deve chegar, se for a mulher é pecado!'). Por que se ela levar um 'não' ela vai se sentir mal? Mas amor próprio por favor! E se o homem levar um fora e se achar inferior? Ninguém é igual a ninguém, a mulher pode levar numa boa e o homem ficar mal. Acho que o interesse parte de ambas as partes, e você tem que demonstrar que quer algo com a pessoa, isso não tem nada de errado. (Hugo)

Tenho um namorado e digamos que eu tive que tomar a iniciativa, o problema não é nós meninas tomarmos a iniciativa e sim como tomamos, sem ser vulgar, basta falarmos algumas coisas que o menino vai perceber e vai tomar uma iniciativa maior, como são várias meninas para um menino ele não toma iniciativa porque não sabe se a menina sente o mesmo ou não. (Luiza)

Existem jovens solteiros, que também estão esperando em Deus. Porém, estão inclinados a construir seu relacionamento com base em Cristo, trabalhando e estudando para mais tarde desfrutar de uma vida relativamente estável, servindo o Reino, e ainda assim, esperando pacientemente em Deus. Não é sobre o quanto se espera, mas como se espera. Meninas que estão à procura dos "rapazes de atitude" já estão começando errado. Pois os verdadeiros homens de atitudes irão encontrar quem realmente foi criada para ser encontrada por eles. (Manuela)

Desta forma, Maria, Hugo e Luiza constroem seus discursos sobre o tema de maneira relativizada, já que ao mesmo tempo que divergem do movimento em relação à postura da mulher quanto à abordagem, admitem que existem limites que definem os comportamentos entre "aceitável" e o "vulgar". Já Manuela apresenta um discurso que vai ao encontro do posicionamento da campanha, tal divergências de

opiniões, em parte, podem ser justificadas pelas diferenças doutrinárias das igrejas de origem dos entrevistados e pela maneira como são subjetivadas. Manuela e Maria pertencem à mesma igreja, no entanto, Maria apresenta um discurso mais ressignificado, do que Manuela, em relação aos ensinamentos do EEE aqui apresentados.

### *Paquera, defraudação emocional e “ficar”*

Com vimos, o discurso da campanha orienta que a iniciativa da paquera deve partir do homem. Desta forma, a paquera é encarada como um momento de conquista e também uma tática inicial que sinaliza o desejo de conhecer uma pessoa melhor, que deve ser praticada sempre visando estabelecer uma aproximação para conhecer melhor a outra pessoa a fim de se assumir um compromisso entre elas. Nelson Junior define a paquera como:

(...) um comportamento para a iniciação de um interesse, sempre focando o compromisso. É um sentimento que exigirá decisões. A paquera saudável é aquela em que tudo acontece naturalmente, onde ambos devem corresponder ao sentimento, somente se tiverem dispostos a se conhecerem melhor para mais à frente iniciarem um relacionamento e só devem iniciar um relacionamento (namoro) com a intenção de se conhecerem melhor para se casarem. (NELSON JUNIOR, 2014, p.48)

Sendo assim, a paquera entre os seguidores do movimento deve ter como objetivo final o início de um namoro, cujo o propósito deve ser o casamento. Neste sentido, paquerar por paquerar, ou seja, sem a intenção de iniciar um compromisso é entendido pela campanha como “defraudação emocional”, a qual é considerada pecado.

“Defraudar”, para o *Eu Escolhi Esperar*, seria despertar em alguém desejos, sentimentos, e expectativas sem a intenção de supri-los, “é tirar proveito, iludir e seduzir sem a intenção de firmar um compromisso visando o casamento” (NELSON JUNIOR, 2014, p.46). Desta forma toda a paquera, que vise apenas o envolvimento físico e amoroso momentâneo, é definida como defraudação emocional.

Ainda sobre o comportamento durante a paquera, a campanha se opõe radicalmente à “cultura do ficar”, que se caracterizaria, conforme Justo (2005), por

um tipo de relacionamento que teria surgido como desdobramento das condições de vida criadas pela contemporaneidade e seria marcado por relações descompromissadas, breves, passageiros e voláteis. Para o autor na contemporaneidade:

A subjetividade humana é atravessada pelas exigências de movimentação e ruptura com espaços delimitados e estáveis. As fronteiras afetivas estão sendo sacolejadas para dar lugar a vínculos mais fluidos, dispersivos e móveis, ou seja, os afetos estão sendo também globalizados. Não é à toa que o “ficar” desponta como a mais nova forma de relacionamento amoroso entre os adolescentes. (JUSTO, 1997, p. 91).

Segundo Justo (2005), o termo “ficar” sugere uma forma de relacionamento afetivo (que pode envolver carícias, beijos e eventualmente relações sexuais) que não implica compromissos futuros. “Ficar” seria assim um relacionamento passageiro, que pode durar uma noite, dias ou meses, sem maiores consequências ou envolvimento profundos. No entanto, na fala de alguns entrevistados e também por alguns pesquisadores (WEINGARTNER, 1995), o ‘ficar’ pode ser caracterizado como um primeiro contato com o parceiro tendo em vista um possível namoro. Ezequiel, um dos entrevistados diz que:

Hoje em dia as pessoas antes de começarem a namorar começam ficando... ficando do tipo, saindo junto e tentando ver se os dois se completam.... algo assim, acho que ficar por ficar é errado, mas que problema tem em ficar com uma pessoa se tenho a intenção de conhecê-la melhor?!

Ezequiel, Hugo e Maria admitem já terem “ficado”. Enquanto que Ezequiel encara o “ficar” como uma forma de conhecer melhor alguém para depois namorar, Hugo acredita que mesmo que se tenha a intenção de namorar, ficar não é a forma certa de começar um namoro.

Os dois relacionamentos que tive já começaram de forma errada, comecei “ficando”. Eu nunca gostei dessa coisa de “ficar”, mas errei muitas vezes por conta de influências. Antes eu tinha dúvidas se era errado ou não, hoje, depois de muito estudo, sei que não está certo. (Hugo)

Já Maria diz ter “ficado” com seu namorado antes de iniciar o namoro, no entanto, sua opinião sobre o assunto se mostra ambígua, como podemos perceber:

Não acho legal sair por aí ficando com todo mundo, mas sei lá ... nem todo mundo que está na igreja e “fica” faz isso só para curtir...às vezes as pessoas se gostam e acabam cedendo porque têm a intenção de aquilo virar um algo a mais, algumas vezes acaba não virando... e isso que é chato, mas também pode dar certo.

De acordo com a campanha, a prática do “ficar” nada mais é do que satisfação de um prazer, pois as pessoas que “ficam” busariam saciar seus desejos afetivos e físicos sem nenhum tipo de compromisso, ainda que as pessoas envolvidas tenham a intenção de se conhecerem melhor a fim de descobrir se devem namorar, “ficar” é considerado uma decisão errada que trará consequências e atrapalhará a busca por um relacionamento duradouro, pois tal prática seria responsável por envolvimento em relacionamentos errados. Para Nelson Junior:

Essa é a pior decisão que as pessoas podem tomar. É uma prática que parece inofensiva, mas que deixará frutos que você colherá mais à frente na sua vida amorosa. Se você não deseja errar mais nesta área da sua vida, esta tem que ser a sua primeira decisão: ficar nunca será uma opção para quem deseja fazer a coisa certa. ( NELSON JUNIOR E ÂNGELA, 2015, p. 68.)

### *Namoro x corte*

Como vimos ao longo desta pesquisa, as relações íntimas vêm sofrendo profundas modificações, inclusive na atualidade. Segundo Bertoldo e Barbará (2006), antes da chamada “revolução sexual”, o namoro consistia em uma relação que antecedia o casamento, tinha duração curta e interação controlada pelos pais, ou seja, constituía-se em uma fase pré-nupcial com regras bem definidas e um padrão socialmente aceito onde abraços e beijos eram limitados.

Na contemporaneidade o namoro sofreu grandes mutações e seus limites foram ampliados, surgem novas formas de relações amorosas designadas por este termo, as relações tornam-se mais curtas e descompromissadas e podem abranger inclusive a co-habitação, como aponta Bèjin (1987). Desta forma o namoro, pode ser “ caracterizado, sobretudo, pela estabilidade da associação entre duas pessoas, que

é inversamente relacionado à probabilidade que uma pessoa vai deixar a relação. ” (BERTOLDO & BARBARÁ, 2006, p.229). Ao mesmo tempo em que o namoro continua sendo visto, na cultura ocidental, como uma relação afetiva constante e duradoura centrada no compromisso e fidelidade como ideal, a continuidade destes vínculos é constantemente negociada entre os parceiros e podem ser quebrados a qualquer momento.

Se na atualidade, o namoro pode se apresentar como uma etapa posterior ao “ficar” e vai ao encontro do conceito de relacionamento puro, tal como proposto por Giddens (1993), pois não necessariamente tem como finalidade o casamento, o *Eu Escolhi Esperar* busca resgatar uma forma de namoro tradicional, a qual, para o movimento, expressava o ato de cortejar a pessoa desejada sem que isso implique qualquer tipo de intimidade física.

Conforme o idealizador da campanha:

O mundo estabelece um conceito e um padrão de relacionamento entre solteiros e o define como namoro. Entende-se como namoro aquele período em que as pessoas conquistam certas “liberdades” que não teriam se fossem apenas amigos, Então beijar, fazer carícias e manter relações sexuais são coisas comuns em todo namoro (NELSON JUNIOR E ÂNGELA, 2015, p. 130)

Nelson afirma em seus seminários e livros que existe uma discussão entre líderes protestantes sobre duas terminologias: “namoro” e “*corte*”. De acordo com ele, muitas instituições religiosas estariam se opondo ao padrão cultural chamado namoro, e adotando outros padrões de relacionamento. Ele, explica em seus seminários que em termos bíblicos a expressão “namoro” não existe, no entanto, tal argumento não é ideal para se afirmar que o namoro é pecado ou antibíblico.

Nessa perspectiva, o problema consistiria no fato de que por muito tempo as igrejas adotaram uma concepção de “namoro cristão”, desta forma, o casal poderia desfrutar de um romance onde a relação sexual deveria ser reservada ao casamento. Para Nelson, na prática isso não funcionou, pois, a maioria dos namorados acabava por terem relações sexuais por conta da intimidade e os que não tinham adotavam outros comportamentos também condenados.

Segundo uma pesquisa realizada pela instituição Bureau de pesquisa e estatística cristã (BEPEC), no ano de 2011 com 4.169 jovens solteiros e evangélicos entre 16 e 24 anos, mais de 40% dos entrevistados admitiram já terem tido relações sexuais, ao passo que 54% dos que tiveram envolvimento sexual o praticaram depois da conversão à religião evangélica. Além disso, 20% do total de entrevistados disseram ter uma vida sexual ativa quando estão namorando, ao passo que 19, 54% afirmam não praticarem sexo quando namorando, mas ingressarem em carícias íntimas e masturbação mútua. (BEPEC,2011)

De acordo com Nelson, dados como o da pesquisa apresentada acima levaram muitos líderes a defenderem que o namoro cristão não existe, e adotarem um padrão mais seguro para que os solteiros se relacionem antes do casamento. Nesta forma que substituiria o namoro, o casal focaria apenas em se conhecer emocionalmente, sem nenhuma intimidade física, incluindo a abstinência do beijo na boca. Esse tipo de relacionamento diminuiria os riscos de relações sexuais antes do casamento, já que se evita a intimidade física a qual é considerada um estímulo natural para que duas pessoas se sintam atraídas.

Esse tipo de relacionamento comumente é chamado de *corte*, mas também recebe outros nomes: amizade especial, romance real, amizade com compromisso, relacionamento em santidade, namoro com propósito e outros. As normas e o nome específico dado ao relacionamento variam conforme a igreja, no entanto, em comum possuem etapas bem demarcadas: “iniciam com um período de oração e, depois de um determinado tempo, havendo a liberação dos pais e sob a supervisão de seus líderes, assumem um compromisso de fato” (NELSON JUNIOR e ÂNGELA, 2015, p.131-132). Para o *Eu Escolhi Esperar a corte* não é garantia de que um romance dará certo, no entanto as consequências deixadas por um possível término seriam bem menores do que o namoro.

O termo *corte* para designar um tipo de relacionamento em que os envolvidos estabelecem uma amizade, sem envolvimento físico visando se conhecerem melhor para o casamento, surge no final do século XX em igrejas Norte Americanas. De acordo com Naor Pedroza, fundador do movimento “Radicais livres” em 2000, e um dos principais líderes religiosos defensores da *corte*, a proposta é resgatar valores que foram perdidos na atualidade e se apresenta como alternativa ao padrão de namoro que se estabelece na contemporaneidade. (PEDROZA, 2009)

Apesar de estimular os jovens que tenham esperado o tempo certo e encontrado a pessoa ideal a assumirem um compromisso de *corte*, o movimento *Eu Escolhi Esperar* admite os dois tipos de relacionamento, tanto a *corte* quanto o namoro, desde que o último seja sem relações sexuais e que o casal envolvido vise o casamento. Sobre o tema, Nelson se posiciona da seguinte forma: “Não julgamos e muito menos condenamos os casais que escolhem o namoro. Conhecemos muitos namoros que deram certo e agradaram a Deus. Mas se um casal escolhe um romance em santidade, sem intimidade física e carícias, estão dando os passos certos para a construção de um relacionamento santo e consolidado por Deus” (NELSON JUNIOR E ÂNGELA, 2015, p. 133). Nesse sentido, o tipo de relacionamento assumido, seja ele a *corte* ou namoro, deve ser fruto da decisão do fiel e não de uma imposição.

Muitas pessoas, na verdade, buscam um manual de regras tipo: “pode ou não pode? ”. Mas as decisões na vida de um cristão não podem ser frutos de imposições religiosas, devem ser feitas com entendimento. Vivemos debaixo de leis e normas a serem cumpridas pode ser algo muito perigoso, porque muitas pessoas acham que o fato de cumprirem regras as torna melhores que os outros e se iludem acreditando que cumprir as regras da sua igreja é a garantia de uma vida com Deus. NELSON JUNIOR E ÂNGELA, 2015, p.130)

Entre os entrevistados foi possível perceber a preferência quase unanime pelo namoro apesar de ficar claro nas falas a admiração por quem escolhe a *corte*.

Não faço corte e não escolho até mesmo porque eu e meu namorado não nos beijamos tanto. Antes de nos conhecermos, fazíamos parte de alguns ministérios na nossa igreja, e continuamos neles depois que começamos a namorar, então procuramos viver em Santidade sempre, e sempre com o nosso limite de beijos e abraços para não esquentar. (Luiza)

Na minha igreja muitos casais decidem pela corte, e é uma forma de se relacionar que dá certo! A corte é uma benção, não é uma lei, mas a pura expressão da Graça de Deus, pois nós escolhemos nos guardar no relacionamento. (Manuela)

A corte deve ser uma decisão dos dois, e não forçado pelas pessoas ao redor! (Ezequiel)

Nos três depoimentos, os entrevistados reforçam a ideia de que é o fiel que deve escolher entre a *corte* e o namoro, é que a *corte* só é válida se for uma decisão pessoal e não imposta por líderes.

#### *Os limites do namoro*

Enquanto no compromisso de *corte* os limites já são previamente estabelecidos - sem contato físico até o casamento -, aqueles que decidem pelo namoro precisam negociar e estabelecer os limites da intimidade física entre o casal.

De acordo com o *Eu Escolhi Esperar*, na Bíblia não se encontram limites claros definidos para o namoro, pois essa teria sido escrita em uma época em que o namoro, tal como o conhecemos hoje, não existia. Ao falar dos limites do namoro a campanha orienta aos fiéis que não caíam em dois pecados, o da imoralidade sexual - sexo fora do casamento -, o qual já discutimos aqui, e o da lascívia, ambos seriam muito comuns entre casais que ainda não se casaram.

Em seu significado geral, lascívia está relacionada à propensão para a luxúria ou sensualidade, já no contexto cristão comumente a palavra é interpretada como impureza ou impudor. Para o movimento, lascívia é uma expressão usada para uma forma de pecado sexual, e é definida como “despertar o desejo sexual no outro sem poder saciá-lo, sem ir até o final. ” (NELSON JUNIOR E ÂNGELA, 2015, p.119). Desta forma a lascívia no namoro se apresentaria através de carícias em partes íntimas do outro; masturbação; atrito entre os corpos; abraços, beijos, e carinhos sensuais e provocativos; sentar no colo ou deitar juntos; conversas, imagens ou mensagens por telefone com conotação sexual. O conjunto destas ações se encaixariam no que a campanha chama de intimidade sexual, e estariam reservadas apenas para depois do casamento. Falando ainda de limites no namoro, o beijo na boca não é considerado pelo movimento como pecado, no entanto, na perspectiva da campanha ele estimularia o pecado da lascívia por biologicamente desencadear reações e desejos sexuais.

Segundo Nelson, é a dificuldade que os jovens encontram de respeitar os limites do namoro cristão que fizeram a campanha apoiar e incentivar os namorados a viverem um romance sem intimidade física.

Em pesquisa realizada em 2011 com jovens solteiros e evangélicos, a qual já foi mencionada anteriormente, foram levantados dados sobre os hábitos e práticas de namorados. Entre os 4.169 entrevistados, 94% afirmaram beijar na boca quando namorando enquanto que 45,17% praticam carícias nas partes íntimas sobre as roupas e 37,98% praticam carícias nas partes íntimas sem roupa. Ainda 31,52% admitem masturbar o parceiro ao passo que apenas 22% disseram ter relações sexuais com penetração vaginal durante o namoro (BEPEC, 2011).

Os dados da pesquisa, que são citados inclusive por Nelson Junior nos seminários e livros, mostram que muitos jovens não mantêm relações sexuais com seus parceiros, no entanto utilizam outros meios de intimidade física durante o namoro. Nelson diz que:

Muitos casais acreditam que o namoro está a salvo quando avançam os limites mas conseguem não ter a relação sexual com a penetração. Muitas meninas se acham puras porque ainda são virgens, mas se o namoro é lascivo, então aos olhos de Deus, o romance está em pecado igualmente ao casal que transa no namoro. Ambos estão no pecado sexual, o pecado é o mesmo, o que será diferente serão as consequências. (NELSON JUNIOR E ÂNGELA, 2015, p.123)

Cabe aqui apontar para uma importante diferenciação feita pelo movimento entre pureza e virgindade. A virgindade estaria atrelada a uma questão biológica enquanto que a pureza a uma questão espiritual. Sendo assim, a campanha prega que pessoas que não são mais virgens, pois já tiveram relações sexuais, podem seguir o *Eu Escolhi Esperar* desde que se arrependam e mudem seus hábitos restabelecendo assim sua pureza, ao mesmo tempo prega também que pessoas virgens não necessariamente são puras. Conforme o idealizador da campanha:

Se pessoas virgens namoram com lascívia (..), estão em pecado sexual e não estão vivendo uma vida pura. Se uma pessoa não é mais virgem, mas está vivendo um namoro em santidade, está mantendo-se pura. O que determina a pureza é o que você está fazendo agora e não aquilo que você já fez um dia. (NELSON JUNIOR E ÂNGELA, 2015, p124)

Maria, a única entrevistada que admitiu já ter tido relações sexuais, aponta para a dificuldade que encontra em não ter intimidade sexual com seu namorado, enquanto Hugo também diz ter passado de alguns limites no namoro, apesar de se manter virgem.

Sempre fui firme com Deus e muito presente na igreja, mas como qualquer pessoa, é difícil permanecer firme até o casamento. Nós oramos todos os dias, lemos a Bíblia todos os dias, buscamos sempre o melhor, mas o que tem acontecido é que amigos muito próximos têm dito que nosso casamento não vai para frente porque transamos. Mas nós sempre tentamos, ficamos muito tempo sem cair, mas sempre acabamos caindo, fico muito triste com isso. (Maria)

A tentação da carne nos põe à prova a cada momento, quando estamos namorando, as vezes caímos outras não. O negócio é evitar situações que nos deixem propícios a passar dos limites e pedir ajuda de Deus para continuarmos firmes. (Hugo)

Através dos depoimentos nota-se uma ambiguidade nos discursos: os entrevistados querem e lutam para observar os limites do namoro cristão pregados pelo *Eu Escolhi Esperar*, por suas instituições de origem, que foram interiorizados por eles, ao mesmo tempo em que assumem que têm desejos sexuais.

#### *Duração do namoro até o casamento*

Na perspectiva do *Eu Escolhi Esperar* o tempo de namoro ou *corte* deve durar apenas o necessário para o casal alcançar a convicção do casamento e se conhecerem melhor. Nesse sentido, a última etapa a ser observada para quem espera por um relacionamento duradouro que chegue até o altar de casamento, é saber a hora certa de transformar o namoro em um noivado, e em seguida em matrimônio. No entanto, casar envolve questões financeiras as quais o idealizador da campanha admiti que se tornam um empecilho para muitos jovens.

De acordo com dados do IBGE, em 2015 a taxa desocupação entre jovens de 18 a 24 anos foi a que mais cresceu entre os grupos etários no Brasil, atingindo a marca de 16,8%. Frente a isso o movimento aconselha aos casais que façam planejamentos de curto, médio e longo prazo dentro da realidade financeira de cada um, que estabeleçam prioridades e metas. De acordo com Nelson Junior:

A questão financeira sempre será um empecilho para a realização de muitos sonhos. Você vai demorar a casar, porque só vai querer casar quando as coisas melhorarem financeiramente. Depois vai enfrentar o mesmo dilema na hora de ter filhos. (...) Não estamos falando que um

planejamento não é importante; não é isso. Estamos afirmando que é inteiramente possível se planejar para realizar o sonho de construir uma família dentro da realidade financeira de cada um. (NELSON JUNIOR, 2014, p.41)

Para o movimento, conquistar um relacionamento para o 'resto da vida' passa também pelo tempo de relacionamento. Casamentos que têm origens em relações curtas, sejam de *corte* ou namoro, teriam maiores chances de gerarem consequências como o divórcio ou conflitos entre os casais, A razão disso seria de que "períodos mais longos antes do casamento fornecem mais experiências e podem revelar áreas problemáticas em potencial e zonas que causarão conflitos" (NELSON JUNIOR, 2014, p.43). Em contrapartida, namoros que se estendem por muito tempo aumentariam a intimidade física entre o casal, o que traria maiores chances de ocorrerem relações sexuais antes do casamento.

Ao aconselhar jovens e adolescentes que o seguem, o movimento orienta que os namoros devem durar entre o mínimo de um ano e o máximo de três anos entre o começo do romance, noivado até o dia do casamento. No entanto, assim como outros aspectos da forma certa de conduzir o relacionamento amoroso pregado pela campanha, que já foram citados neste trabalho, namoros mais curtos ou mais longos do que o período estabelecido como ideal não são caracterizados como errados ou pecado.

Em geral, como se observou nos depoimentos de Maria, os relacionamentos que se iniciam durante o período de adolescência tendem a se estenderem por um tempo maior até chegarem ao altar, pois a decisão de se casar passa por questões de desenvolvimento pessoal e fatores financeiros. Enquanto aguarda o casamento, Maria lida com a tensão de evitar ter relações sexuais com seu noivo e conquistar autonomia financeira para poder se casar.

No meu caso e da maioria dos casais que eu conheço, o fator financeiro é a maior dificuldade para casar. Já houve conversa sobre tudo e sabemos que precisamos casar o quanto antes para não continuarmos em pecado, mas as finanças por enquanto estão sendo o grande obstáculo. (Maria)

De acordo com o movimento, as pessoas não devem deixar de se casar por uma questão exclusivamente financeira. Segundo o idealizador da campanha:

Atualmente predomina o conceito de que as pessoas só devem se casar depois de conquistarem uma certa independência financeira, após comprarem uma casa própria, passar em concurso público e conquistar uma estabilidade financeira. (...) É muito difícil conseguir estabilidade numa economia instável como vivemos no Brasil. Na maioria das vezes, demoramos certo tempo para conquistar boas vagas no mercado de trabalho e bons salários. Esperar que as coisas melhorem para depois casar é uma ideia contra a qual relutamos (NELSON JUNIOR, 2014, p.41)

No entanto, os entrevistados demonstraram preocupação em atingirem a estabilidade financeira para só então transformarem o namoro em casamento.

Eu e meu namorado namoramos a quase um ano e já planejamos todo o nosso futuro, vamos noivar e casar tudo em 5 anos e conheço ele desde criança, mas nos apaixonados e está dando certo debaixo da mão de Deus, muita oração e jejum, vamos esperar no senhor! Acho muito relativo de cada casal, só porque vai demorar não quer dizer que não vai dar certo! Não é consciente casar cedo pois muitos não possuem base financeira e isso só irá gerar estresse. Tudo deve ser pensado com cautela. (Luiza)

Não levo o tempo de namoro como um problema, porque não estou com pressa para casar. Quero terminar minha faculdade (que já está quase na metade) e arrumar um emprego e ter minha casa antes de me casar. (Hugo)

Desta forma, foi possível perceber entre os entrevistados que ao mesmo tempo em que estes desejam um casamento para a vida inteira, priorizam a busca pela estabilidade econômica. Em pesquisa baseada em 197 entrevistas com jovens de 20 a 31 anos residentes do Estado do Rio Grande do Sul, Zordan, Falcke e Wagner (2009) procuram identificar motivos e expectativas de adultos jovens frente ao casamento. De uma lista de 21 metas de vida, que incluía o casamento, 60,8% dos entrevistados assinalaram a realização profissional, seguida de realização pessoal com 44,3%, como projetos vitais. Para Zordan, Falcke e Wagner (2009), a valorização de aspectos profissionais e materiais está relacionada aos valores contemporâneos que enfatizam a individualidade, a realização e o sucesso material.

No entanto, ao contrário dos dados obtidos por Zordan, Falcke e Wagner (2009), entre os participantes da pesquisa citada, os quais levaram as autoras a concluir que o casamento não era um objetivo a ser conquistado e pelo qual os jovens entrevistados estivessem dispostos a lutar para alcançá-lo, neste capítulo foi possível evidenciar o desejo dos cinco seguidores do *Eu Escolhi Esperar* entrevistados em chegarem até o altar.

Em todo o processo de busca para alcançar um relacionamento duradouro, que inclui, como vimos, o tempo, certo, a pessoa ideal e a forma certa, os entrevistados precisam lidar com a liberdade de escolha enquanto também observam as orientações do movimento, as quais são negociadas e ressignificadas a cada etapa.

## CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto aqui, podemos perceber que durante séculos a religião cristã buscou regular e normatizar os atos, os relacionamentos e os significados sexuais. Mesmo diante das transformações que começaram a ocorrer a partir do século XVIII no Ocidente e que culminaram numa maior liberdade sexual durante o século XX, as normas sociais reguladoras da sexualidade não foram extintas.

Nesse contexto, as mudanças ocorridas em torno da sexualidade e nas relações amorosas, que se iniciam na modernidade e intensificaram-se na contemporaneidade, ao invés de eliminarem as influências da religião, produziram novos movimentos, como o *Eu Escolhi Esperar*, que buscam resgatar valores tradicionais ligados à prática do sexo somente dentro do matrimônio, e valorização do casamento.

Desta forma, em tempos em que a sexualidade é vivenciada com maior naturalidade e que num contexto social mais amplo se discutem questões como os chamados 'direitos homoafetivos', legalização do aborto e novas campanhas de prevenção sexual - dado o aumento dos índices de contaminação por AIDS entre jovens nos últimos anos no Brasil-, a campanha *Eu Escolhi Esperar* aparece como um movimento cristão contra a "cultura do descartável" e do "sexo sem limites", que seriam consequências da modernidade e da perda de valores cristãos pela sociedade.

Os dados desta pesquisa sugerem que o *Eu Escolhi Esperar* apresenta um discurso que busca normatizar e regular a vida sexual e afetiva de seus adeptos com base nos escritos bíblicos, porém os limites de tal regulação e normatização são negociados e redefinidos pela denominação de origem do fiel e pelo próprio jovem, que é protagonista de sua religiosidade (WATANABE, 2005). A aceitação dos códigos morais de conduta, no que se refere a sexualidade, é encarada como fruto de uma escolha do indivíduo e não apenas uma imposição religiosa.

Portanto conclui-se que as interações sexuais na contemporaneidade não se tornaram "livres", apesar de serem cada vez menos codificadas *a priori*. Diversos fatores, dentre eles a religião, irão estruturar as percepções do possível, do

desejável e da transgressão no que se refere a sexualidade. (BOZON, 2004) Diante do intenso processo de individualização que percorre as sociedades contemporâneas ocidentais, as normas sociais reguladoras das condutas sexuais não foram extintas, mas sim interiorizadas.

Se na modernidade os indivíduos tornaram-se mais autônomos do que outrora e se as possibilidades de escolha se tornam múltiplas, o *Eu Escolhi Esperar* aponta um caminho, um receituário, em um mundo que parece maleável e flexível demais frente aos *riscos* e incertezas geradas por ela.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. de F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2002, vol.22, n.2, pp. 70-77.
- ARIÈS, P. O amor no casamento. Em Ariès, P. e Béjin, A.(Orgs) *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.153-162
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1998.
- \_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BECK, U. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. 2 ed. São Paulo: editora 34, 2011.
- BECKER, H. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- BÈJIN, A. O casamento extraconjugal dos dias de hoje. Em P. Ariès & A. Bèjin (Orgs.). *Sexualidades ocidentais* (pp. 183-193). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BEPEC. *O Crente e o Sexo*. Pesquisa, 2011.
- BERGER, P. A dessecularização do mundo: Uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000
- BERTOLDO, R. B. ; BARBARÁ, A. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *Psico-USF*, v. 11, n. 2, p. 229-237, jul./dez. 2006
- BÍBLIA. *1 Tessalonicenses* . Nova Versão Internacional [traduzida pela comissão da Sociedade Bíblica Internacional]. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Gênesis*. Nova Versão Internacional [traduzida pela comissão da Sociedade Bíblica Internacional]. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- BOZON, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- BRASIL, Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. *Novo Código Civil Brasileiro*. Legislação Federal. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10406.htm)

BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

CALIMAN, L. Dominando corpos, conduzindo ações: genealogias do biopoder em Foucault. Em A. M. Jacó-Vilela, A. C. Cerezzo & H. Rodrigues (Orgs.), *Clio-Psyché – Subjetividade e História* (pp. 200-211). Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2006.

CERQUEIRA-SANTOS, E. *Comportamento Sexual e Religiosidade: Um Estudo com Jovens Brasileiros*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Rio Grande do Sul, 2008.

CITELLI, M. C. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002) – revisão crítica*. Centro Latino-americano em sexualidade e direitos humanos – IMS/UERJ. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CUNHA, O. M. Depois da festa: movimentos negros e “políticas de identidade” no Brasil. Em S. E. Alvarez, E. Dagnino & A. Escobar (Org.), *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos – novas leituras* (pp.333-382). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

DA MATTA, R. *Relativizando, uma introdução a antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DANTAS, B. S. do A. Sexualidade, cristianismo e poder. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, ANO 10, N.3, p. 700-724, 3º Quadrimestre de 2010.  
\_\_\_\_\_. A dupla linguagem do desejo na Igreja Bola de Neve. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30(1): 53-80, 2010

DEL PRIORE, M. *História do amor no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, L. F. D. A guisa de introdução: o que perguntamos à família e à religião? Em L. F. D. Duarte, M. L. Heilborn, M. L. Barros & Peixoto, C. (Orgs.), *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, pp. 7-13.

DUMONT, L. *Homo hieráquicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1997.

ENGEL, M. *Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

FIORI, W. R. Desenvolvimento Emocional. In: *Psicologia do Desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência* (Rappaport, C. R., Fiori, W. R. & Davis, C.) , vol.4, São Paulo: EPU, 1982.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel *Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GAUER, R. M. C. Da diferença perigosa ao perigo da igualdade: Reflexões em torno do paradoxo moderno. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 5. n. 2, jul.-dez, pp. 399-413, 2005.

GAY, P. *A experiência burguesa – da rainha Vitória a Freud. A Paixão Terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOGNALATO, R. P. Trânsito Religioso Inter-pentecostal e Experiência de Aflição. *Sagrilegens*, Juiz de Fora, v.4,n1,p.85-96, 2007.

GONÇALVES. C. R. *Direito Civil Brasileiro*. Vol. 6, 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GROSSI, M. P. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo” p.07-17. In: *TRABALHO DE CAMPO & SUBJETIVIDADE*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de pós-graduação em Antropologia Social, 1992 .

GUILLEBAUD, J-C. *A Tirania do prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HEILBORN, M. L. e BRANDÃO, E. R. “Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 7-17.

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista de Estudos Feministas*, 14(1), 43-59, 2006.

HERVIEU-LÉGER, D. *La religion pour memoire*. Paris : Cerf, 1993

HOBBSBAWN, E. J. *A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE (2010). *CENSO 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acessado em 10.07.2015 no <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados>

JABLONSKI, B. “Atitudes Frente à Crise do Casamento”. In T. Féres-Carneiro (Ed) *Casamento e Família: do Social à Clínica*. P. 81-95. Rio de Janeiro: NAU, 2001.

JUNIOR, Nelson. *Eu Escolhi Esperar: "Um guia prático na jornada daqueles que esperam"*. Vila Velha: Eu Escolhi Esperar

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 17 - nº 1, p. 61-77, Jan./Jun. 2005.

LAPLATINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

MACHADO, M. das D. C. Corpo e moralidade sexual em grupos religiosos. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, p. 7-27, 1995.

MAGNANI, C. J. G. E PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana. *RBCS* Vol. 17 no 49 junho/2002

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos no arquipélago da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo, Abril Cultura, 1978 (Coleção Os Pensadores).

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: COSACNAIF, 2008.

MCFARLANE, A. *História do Casamento e do Amor*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

PEDROZA, N. *Corte versus Namoro: O desafio de um relacionamento radical*. Goiânia: VINHA Editora, 2009.

PEREIRA, C. P. *A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA : Os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes*. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2002.

PORTELLA, R. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade Da ciranda entre religião e secularização. *Revista de Estudos da Religião* Nº 2, pp. 71-87, 2006.

ROCHA, A. P. R.; GARCIA, C. A.; A adolescência como ideal cultural contemporâneo.; *Psicologia Ciência e Profissão*.; nº 28; p. 622-631; 2008.

SANTOS, M. G. “*Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convém*”: representações sobre sexualidade entre solteiros evangélicos. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Governo do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2008.

SHOWALTER, E. *Anarquia sexual – sexo e cultura no “fin de Siècle”*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

SILVA, C. G. da; SANTOS, Alessandro Oliveira; LICCIARDI, Daniele Carli ; PAIVA, Vera. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, out./dez. 2008

VAINFAS, R. *Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristão*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

WATANABE, T. H. B. Caminhos e histórias: a historiografia do protestantismo na Igreja Presbiteriana do Brasil. *Revista de Estudos da Religião*, 1, 15-30, 2005.

WEBER, M. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEINGÄRTNER, C. L. et al. O ficar e o namorar vistos pelos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 181-203, 1995.

ZORDAN, E.P; FALCKE, D. ; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, ago. 2009

**ANEXO A** - Fontes de pesquisa

FERREIRA NETO JUNIOR, Nelson Pinto. *Como escolher a pessoa certa: Um livro para quem deseja se casar*. Vila Velha: Above publicações, 2014.

NELSON JUNIOR. *Eu escolhi esperar*. 1.ed - São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

NETO JUNIOR, Nelson Pinto Ferreira. *Amor & Sexo: Uma conversa bíblica e sem rodeios sobre a vida sentimental, namoro e sexualidade/* Nelson Pinto Ferreira Junior e Angela Cristina Santos Neto; revisão de Marília Furtado. – Vila Velha: Editora Eu Escolhi Esperar, 2015.

**ANEXO B-** Identidade visual da campanha



**EU ESCOLHI  
ESPERAR**  
Pois esta é a Vontade de Deus!  
1 Tess 4:3-4